

MENTE MADRUGA



L. G. Braun



**Só um livro pode trazer
alguém para uma
experiência única de
mistura de sensações.**

**Ódio. Paixão. Calmaria.
Morte. Vida. Aliens.
Pessoas. Zumbis. Pessoas.
Vilões. Heróis. Vingança.
Esperança.**

**Em Mente Madrugada, temos
acesso a tudo isso em nove
contos espetaculares e no
piloto da série de TV Terra
Rensascida, da HBO.**

**A mente de L.G. Braun nunca
esteve tão bem.**

**MENTE
MADRUGA**

LUIZ GABRIEL BRAUN

MENTE MADRUGA

Portfólio Literário

Florianópolis,
2015

Copyright © by Luiz Gabriel Braun
Direção Geral: Luiz Gabriel Braun
Supervisão Editorial: Luiz Gabriel Braun
Editoração Eletrônica: Luiz Gabriel Braun
Ilustração de Leão: Canistel Arts
Capa: Luiz Gabriel Braun
Revisão: Luiz Gabriel Braun

Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.

*Para a Brisa, essa
cadela.*

Sumário

0. Do Leão, para o Mundo

1. A Rodovia do Portal 14

2. Um Fogão Quebrado 18

3.1. Contos da Lápide 22

4. Na Torre 28

3.2. Contos da Lápide 32

5. O Lado Não-Glamouroso 40

6. Barbearia 44

7. [Escolha o final/título] 48

8. O Apocalipse Humano 54

9. A Dama de Rosa 58

10. Piloto Terra Renascida 74

**Do Leão,
para o Mundo**

Assim que descobri a aprovação no vestibular, segui aquele procedimento padrão. Muita comemoração, cabeça – completamente – raspada e corpo rabiscado. Mas não me acostumei com não ter nada na cabeça. No dia seguinte, tatuei um leão, meu signo, meu personagem de animação preferido, o cavaleiro do zodíaco mais legal... Meu animal preferido.

Como todo bom felino, o leão possui uma bela visão noturna. As pessoas não enxergam de fato nada na escuridão. Os leões estão à vontade. Como eu, em todas as madrugadas, escrevendo até o amanhecer – não existe nada mais lindo.

É nesse momento que a minha mente se sente mais livre e o leão pode rugir.

Costumo dizer que escrever é uma das minhas coisas favoritas desde criança. Não sei quantos livros, peças ou roteiros, escrevi por mera diversão. Ou mero masoquismo.

Nos últimos meses, entrei em contato com diversos autores e técnicas de escrita. De Rubem Fonseca a H.P. Lovecraft. Mais do que descobrir novos métodos, reaprendi que o que eu mais quero na vida é contar histórias. Seja no Jornalismo ou na Arte. Em páginas ou em telas. Reais ou fictícias - que também têm um pé no que é real para mim.

Obrigado, leitor, pela atenção dada até aqui. Humildemente, agradeço, porque ler o que escrevo é se interessar por quem eu realmente sou e não há nada mais lindo que isso. Amar um texto é amar uma parte da alma do seu autor.

Com Amor,

L.G.Braun

*“Viver é a coisa mais rara do mundo.
A maioria das pessoas apenas
existe.”*

Oscar Wilde

A Rodovia do Portal

Vai demorar muito? Eu quero ver Power Rangers! – insiste Thiago.
– Mais uma hora, pelo menos.

O carro passa pela placa “Estamos há 017 dias sem mortes nessa rodovia”, posicionada pouco antes de um trecho delimitado por cones na BR. No banco de trás, Thiago, que recém se alfabetizou, pergunta aos pais:

– Por que que tanta gente morre aqui?

Os pais se entreolham.

– Nada, filho... – responde a mãe.

– É hora de ele saber. – rebate o pai.

– Ele é só uma criança!

– Mesmo assim... Thiago, preste atenção! Aqui há um portal para outra dimensão. Às vezes, quando um carro passa por esse pedacinho marcado pelos cones, um monstro surge dos céus para matar todo mundo aqui. Por isso que o exército fica ali – diz, apontando para o quartel ao lado da pista.

– Então por que que as pessoas continuam vindo aqui de carro?

– Essa rota sempre foi usada pelas pessoas. Sempre que o homem acha um novo caminho, os monstros se enfurecem e atacam massivamente.

– Hã? – pergunta Thiago, confuso.

– Se a gente sair daqui, os bichos ficam bravos. – simplifica a mãe – Mas há uma lenda de que há alguém aí, por algum lugar, que foi escolhido para fechar esse portal. Que só ele conseguiria e só ele teria o poder.

– Vocês tão debochando de mim, porque eu sou pequeno ainda...

– Pior que não, Thiago... – diz o pai, sério – Pior que... O que foi isso?

O carro começa a balançar. O pai de Thiago baixa os vidros e vê que se trata de um terremoto. Os céus começam a enegrecer rapidamente. Raios e trovões passam a ser a única fonte de iluminação, com os postes e faróis explodindo conforme um grande buraco começa a se abrir dos céus.

– Acelera, acelera! – suplica a mãe de Thiago.

– Não há mais nada que possamos fazer. Só rezar que o escolhido esteja num desses carros. – responde seu marido.

A cabeça de uma serpente gigante começa a sair dos céus. Ela possui um grande chifre que se assemelha a uma faca e olhos vermelhos. O seu

grito é agudo e ensurdecedor. Ao chegar em sua totalidade ao chão, revela, além do corpo de cobra, possuir também um par de asas de morcego.

A sirene do exército soa como esperança para quem está nos carros. Não tem força para matar os monstros, mas por várias vezes conseguem diminuir o número de vítimas.

– Atenção, todos aos seus postos! – grita um general de dentro de um jipe que vem liderar os tanques e um grupo de soldados – Ao meu sinal... Fogo!

Os tiros sequer fazem cócegas ao monstro. Ele dá o bote e engole por inteiro um dos carros. Thiago acompanha aquilo com enorme curiosidade e medo.

– Agora, vamos fugir enquanto o monstro está engolindo aquele carro! – ordena o pai. Os três saem do carro e correm em direção ao quartel, buscando salvação.

O monstro vê os possíveis alvos fugindo e se irrita. O general percebe e faz sinais para os tanques, que começam a disparar. Diferente dos tiros, as bolas de canhão conseguem machucar o monstro.

– Te pegamos... – murmura o general.

Nesse momento, o monstro dá um grito e, com seu rabo, arremessa para longe os tanques. Com os olhos fixos na família de Thiago, se prepara para mais um bote.

O general começa a acelerar o seu jipe para proteger a família, e o monstro acaba por pegar o jipe, com ele dentro. Numa última tentativa de parar o ataque, puxa o pino de duas granadas que carregava consigo.

Elas explodem na boca do monstro.

Mas apenas o enfurecem mais.

O monstro começa a bater suas asas e voa a 10 metros do chão. Alguns soldados começam a suspirar, aliviados, pensando que ele estava partindo. Mas a criatura abre a boca e de dentro dela é possível ver uma bola de luz se formando.

– Ele vai vaporizar o quartel inteiro! – grita um cabo, desesperado, que coloca uma arma na boca.

Ele puxa o gatilho.

Thiago escapa dos braços da mãe e começa a correr em direção ao soldado caído.

– Thiagooooooooo – grita em desespero a mãe, que é segurada pelo

marido – Me soltaaaaa! Thiagoooo!

– Deixa ele, quem sabe corre pra longe o suficiente e se salva. Se todos nós formos, o monstro se irritará. – afirma, com uma lágrima no rosto, o pai de Thiago.

A bola de luz começa a ficar maior. Raios e trovões se intensificam no céu.

Thiago pega a arma que o soldado carregava e a aponta em direção ao monstro. A bala atinge em cheio a bola de luz, que explode na boca do monstro.

O corpo imóvel cai sobre a rodovia. Um buraco se forma nos céus e suga o monstro de volta.

As nuvens escuras vão embora e o sol volta a brilhar.

Um Fogão Quebrado

Marcos acordou, exausto de toda a tribulação do dia anterior. O trabalho, a casa e até mesmo seus hobbies estavam consumindo muito tempo, sobrando pouco para o descanso. Quando jovem, Marcos deixava o botão “Soneca” disponível. Depois de adulto, nunca mais. Preferia ser metódico. Era algo que o fazia se sentir preso, mas pelo menos evitava aborrecimentos ou culpas por ter agido por impulso. Sempre que agia assim, costumava ter consequências.

Hoje, entretanto, era diferente. Pela primeira vez em muito tempo, acordava esparramado na cama. Ficou ali dois minutos, só na preguiça.

Parou no espelho do banheiro. Ele não agüentava se ver. A raiva o consumia.

- Ela não está mais aqui pra você! Para de querer falar com ela. Você sempre culpou os outros, mas se sua vida é uma merda a culpa é sua! E não há nada mais que possa fazer, simples assim. Isso se faz jovem, mas você nunca teve colhão, fracote. Nada nunca vai melhorar, apesar do que você faça.

Marcos molhou o rosto. Virou-se para o armário e colocou o terno. O café da manhã também era metódico. Talheres e prato colocados no dia anterior. Café feito na cafeteira conforme as instruções dadas. Come sem nem mais sentir o gosto do que está comendo. Louça usada é louça lavada. Só o fogão está sujo. Marcos fica um tempo olhado fixamente para esse eletrodoméstico. Teria que limpá-lo à noite sem falta. Não agüentaria mais tempo dessa bagunça. Agora, é hora de ir para a firma, agüentar mais horas incessantes de trabalho.

Na saída de casa, cumprimentou o vizinho, Antônio. Os dois tinham a mesma idade, mas o fato de manter o corpo em forma fazia Antônio aparentar muitos anos a menos. Tayná, a esposa de Marcos, sempre cobrava o mesmo esforço do marido para ficar com o corpo igual ao de Antônio. Se ela fazia academia, ele poderia também.

Sem camisa, Antônio estava saindo para correr. As 8h30 da manhã de uma terça-feira. Antônio não precisava trabalhar. “O pai dele precisou e graças a isso o filho nunca pegou no batente”, pensava Marcos.

- Filho da puta, mimadinho do caralho. – resmungava, enraivecido.

No trabalho, horas e horas olhando para a tela de um computador, dentro de seu cubículo. Quando entrou, era pra ser um trabalho temporário, enquanto procurava o emprego perfeito. Ele nunca veio. Haviam outras empresas na sua área que poderiam interessá-lo também, mas nenhuma pagava tão bem. E ele se apegava a dinheiro demais. Depois que se chega a um determinado patamar, não se quer cair mais.

“Tayná odiava esse trabalho. Analista de dados não é tipo de emprego que se enche a boca para falar. Ser a mulher de um médico é motivo de orgulho, de um analista... Nem tanto. Ninguém quer saber a rotina de um analista de dados.” Tayná nunca havia expressado essa opinião para Marcos, mas ele sabia da verdade. Era impossível não ver. Uma mulher como ela merecia um astronauta, um bombeiro, um super-herói. Não o analista de dados. Há dois anos eles discutiram a respeito disso. Ela não admitiu o ódio pelo emprego ou vergonha do marido. Essas mentiras irritavam Marcos.

Voltou para a casa depois do almoço. Estava com muita fome, mas era fome de algo gorduroso. A comida que tinha, a de sempre, já não o saciava mais. Ele pegou o resto da carne de domingo para aquecer no forno, mas lembrou que estava inutilizável. Virou-se para o microondas e esquentou o que tinha.

Uma pena o fogão não poder ser utilizado. Ele o tinha desde o casamento com Tayná. Todos os móveis da casa eram os mais baratos da loja, menos o fogão. Alguma coisa fez com Marcos se apaixonasse por ele. Era muito bonito e parecia muito potente. Era o top de linha na época que foi comprado. Sempre que alguém vem visitá-lo, elogia o fogão.

A única coisa mais preciosa que o fogão a existir algum dia naquela casa foi Tayná. O fogão é fácil explicar como havia parado ali. Dinheiro. “Nada explica o que fez Tayná se casar comigo” pensava Marcos. “Quando você perde o que julgava de mais valor, a única coisa que julga preciosa, é sinal que nunca foi sua.”

Ele tem a mesma rotina desde que era universitário. Saía no intervalo das aulas para voltar para casa e comer comidas que preparava no final de semana. Naquela época era bem mais esquentadinho. Um jovem impulsivo e um tanto quanto nervoso. Havia se metido em alguns problemas por causa disso. Mas o passar dos anos e Tayná o haviam colocado no caminho certo.

A carne no microondas não ficava tão boa quanto no forno. Mas essa seria a vida dele a partir daí, pelo menos enquanto não decidisse como proceder em relação ao forno.

Saiu de casa para voltar o trabalho, agora foi a vez de cumprimentar outra pessoa que morava ao seu lado, a idosa vizinha Dona Gertrudes.

- Bom dia, Marcos.
- Bom dia, Dona Gertrudes.
- Tudo bem?
- Tudo ótimo, e com a senhora?
- Também. Como vai a Tayná?
- A Tayná se foi, Dona Gertrudes.
- Quando foi isso?
- Há um tempo atrás.
- Uma pena. Ela era tão querida. E bonita.
- É da vida.

Marcos sabia a verdade. O que todos achavam. Ela era areia demais pro caminhãozinho dele. Estavam certos. E era muito ruim acordar todos os dias com um lembrete de que além da própria vida, estava estragando a de uma menina incrível com a sua mediocridade. Mas, tudo havia chegado ao fim.

Marcos entrou no carro e voltou para o trabalho.

Enquanto isso, a cabeça da sua esposa continuava numa bandeja dentro do forno.

Contos da Lápide – Parte I

Você vê, doutor, eu tive esse sonho muito estranho. Eu estava andando por um lugar estranho, algo como uma torre. Eu podia ver a cidade a inteira. Tinha uma menina comigo, com um vestidinho rosa, devia ter uns 10 anos, ela veio, deu a mão pra mim e, de repente, o vestido dela ficou negro e o rosto mudou.

– Foi a primeira vez que você teve esse sonho?

– Sim. Eu não conheço essa menina, doutor.

– Por favor, me chame de Eugênio. Já é o seu segundo mês comigo.

Fora que sou psiquiatra que não tenho doutorado. Um dia, você pode me chamar assim. – Rodrigo, sofrendo com o estresse pela pesada rotina na rádio, está sentado em frente a Eugênio. – Como você se sente em relação a esse sonho?

– Estranho. Eu não conheço aquela menina, mas sinto como se ela participasse do meu dia a dia. Falando em dia a dia, temos coisas mais importantes pra tratar. Hoje eu tenho que trazer algo novo. O dono da rádio quer alguma proposta de programa diário com muita audiência para o final da noite. Não sei por onde começar. Eu sempre quis ser locutor, mas não adianta propor um jornal, que ninguém vai ouvir. Um programa, só se for muito bom.

– Vocês não trabalham com música?

– Não, se trabalhássemos ia ser bem mais fácil. Era só colocar um sertanejo ou um bate-estaca que resolvia.

– Talvez ressuscitar algum programa antigo.

– Não é uma má ideia. Vou fazer isso.

*

Rodrigo entra na rádio e começa a procurar o acervo. Confronta os programas com o histórico de audiência. Encontra um e o leva a reunião com o seu chefe. Participam também outros produtores da emissora.

– Seu Adolfo, acho que encontrei um programa.

– Diga.

– Contos da lápide. Um programa de terror, acabou há 15 anos, mas tinha audiências surreais. Eu sei que é fora de moda, mas não custa tentar. Combina com o horário.

– Acho uma ótima ideia, eu lembro do programa, pode dar certo. Não é a primeira vez que se comenta em trazer ele de volta.

– Mas ninguém vai topa fazer. – comenta um produtor – O antigo apresentador ficou louco fazendo o programa. Ele contava que via coisas, monstros. Ele chegou a estuprar a própria filha. Está num hospital psiquiátrico desde então. Ninguém quer essa bagagem.

– Eu faço. – disse Rodrigo, firme.

– Está decidido. Se você diz que vai fazer, então em duas semanas, eu quero o programa no ar. Eu normalmente daria um prazo maior, mas acho que você consegue.

Em meio a desconfiança de alguns colegas, Rodrigo está animado. Claro, teria que arranjar os roteiristas logo, mas daria conta. O mais difícil – convencer o chefe – passou. Muito fácil até. O chefe não costuma se comportar assim. Mas Rodrigo releva. A sorte estava ao seu lado.

★

É o momento da estreia. Normalmente esse tipo de show é gravado, mas o chefe fez questão de ser ao vivo. Há quinze anos não existiam redes sociais para saber a opinião do público em tempo real. Enquanto roda a vinheta, Rodrigo termina de responder a uma mensagem de seu psiquiatra. Há duas semanas que teve que remarcar as consultas, devido à correria do trabalho.

Começa o programa.

– Boa noite, amantes do terror. Depois de quinze anos preso, voltei com mais histórias tenebrosas para assombrar as suas almas. Não há mais nenhuma luz lá fora e há alguém te observando. Não adianta correr, nem gritar. Você não terá voz e tudo que vai sentir é a minha mão fria na sua pele... A história de hoje... – Rodrigo olha para o script que lhe foi dado. Um impulso o faz jogá-lo para longe – é de pegar fogo.

Rodrigo começa a contar a história de uma casa pacífica que foi destruída por um incêndio. O autor do fogo foi um menino ressentido com os pais por o terem colocado de castigo. Rodrigo se referia constantemente ao menino como possuído. O operador técnico ouvia arrepiado - e desconfiado com o próprio filho, que estava de castigo. Por sorte, alguns dos sons que havia separado para a história que o roteirista escreveu encaixavam nesse, mas o programa acabou mais se consistindo na própria voz de Rodrigo, que, com poesia, tornava a história muito

sinistra.

– O menino escapou... há 15 anos. Agora, pode estar no meio de vocês. Muito cuidado quando for pedir um isqueiro emprestado. Ele pode vir coberto de sangue.

★

– É incrível, Eugênio. Eu nunca ia imaginar esse sucesso. Estamos com o programa há três meses e já é o mais compartilhado da rádio na Internet. Gente do Brasil inteiro curte o programa e escuta todo dia. Em dois meses, vamos ser o anúncio mais caro da emissora, ao lado do futebol.

– Isso é ótimo, fico muito feliz por você. Essas histórias, são todos vocês que fazem?

– É, os roteiristas escrevem... Mas, tem dias que sou eu que cria a história. Do nada. Ao vivo.

– Isso sim, é incrível. Muita imaginação.

– É, imaginação e sorte, porque poderia dar tudo errado – os dois riem juntos.

– E as noites de sono? Com esse sucesso todo, diminuiu o calmante?

– Um pouco. Muito sucesso, muita correria. Só que volta e meia eu tenho aquele sonho de novo. Na torre, com a menina de vestido rosa. Ela está envelhecendo, eu percebo. Parece que sempre que eu sonho com ela, eu invento um conto no dia seguinte. Mas eu sei que é tudo coisa da minha cabeça.

– Essa menina está começando a se parecer com alguém que você conhece?

– Ninguém. - O telefone de Rodrigo toca e ele atende – É da rádio. Estão com um problemão lá. Eu preciso ir.

– Rodrigo, você quase nunca vem e quando vem, tem que sair cedo. As nossas sessões não vão adiantar de nada.

– Algum dia, eu vou voltar, com calma. É só esse tempo mais tempestuoso passar.

★

– O que foi, Seu Adolfo? – pergunta Rodrigo, ao entrar no grande escritório de seu chefe.

– Isso é verdade? – Ele vira a tela do computador para Rodrigo, que senta. Era um blog comparando as histórias mais populares contadas por

Rodrigo no Contos da Lápide com crimes reais – Acabaram de me mandar isso. Eu conversei com os roteiristas todos disseram a mesma coisa: Esses textos eram seus. Por que você falaria de crimes reais?

– Não falei. Eram só ideias que vieram na minha cabeça. Deve ser coincidência.

– Não existem 12 coincidências! Minha vontade pessoal é te demitir e acabar com o programa, mas estamos num crescendo. Ia ser muito dinheiro perdido. Então, só pare com isso.

– Seu Adolfo, eu juro... Não tive nada a ver com isso.

– A sua sorte é que isso daqui foi publicado num blog pequeno. Pare. Senão vai crescer e daí eu não te garanto mais.

★

Rodrigo decide que contará apenas as histórias previstas nos scripts. Mas não adianta. Ele começa a ler, mas a sua mente divaga e começa a contar uma história diferente. Ele sabe que não está tudo bem. A autora do blog atualizou aquela postagem. Sorte que Adolfo não está acompanhando. Parece que as histórias que conta estão em contagem regressiva. A primeira aconteceu há 15 anos. A última que contou, no ano passado. Cada história, simboliza um ano. A que contaria hoje, seria desse ano.

★

Rodrigo vai até a cabine. Decide abandonar, de cara, o roteiro. O que quer que fale, vai ser a última vez. Não importa de onde veio essa maldição, o que importa é que vai acabar.

– Boa noite, amantes do medo. O quão certo você está de que agora você não está num pesadelo? Está ouvindo no computador? Não é preocupante que essa máquina saiba todos os seus segredos mais podres? Todas as suas fraquezas? Não é uma máquina. É um monstro! Ele pode te julgar, pode te executar. Como uma menina que adorava estar conectada e foi traída...

★

Rodrigo se deita, esperando o calmante fazer efeito. Espera que a maldição tenha finalmente acabado. Liga a TV, para pegar no sono.

O noticiário está contando a história de uma menina que morreu eletrocutada ao mexer na CPU do seu computador. Rodrigo, mesmo cansado, começava a reconhecê-la. Era a blogueira. E foi pouco antes de

ter contado a história na rádio...

Na Torre

Rodrigo tenta dormir, mas se sente observado. Abre os olhos e lá está a menina com o seu vestidinho rosa. Ela cresce até aparentar 18 anos. Com cabelo loiro e pequenas sardas nas bochechas, o vestido também se transforma em uma calça jeans e uma camisa de flanela.

– Quem é você? Tudo começou por sua causa – fala Rodrigo. O receio é visível em sua voz, apesar de tentar manter uma postura firme.

– Eu sou a sua fadinha. Eu sei que não se lembra de mim, mas eu sempre te ajudei. Seus momentos de sorte, sempre fui eu. Agora, estou pronta pra me revelar pra você. Você merece isso.

– Você tem sido um demônio na minha vida.

– Não. – ela estica o braço com a mão aberta e começa a guiar Rodrigo por várias de suas memórias. Ele conseguiu vê-la diminuta e escondida dando apoio a ele quando sofria bullying na escola. Ajudando-o no vestibular. Escolhendo qual estrada pegar, salvando-o de acidentes e trânsito. – Eu te amo, Rodrigo. – A janela do apartamento se abre. Duas asas crescem das costas da fada. Ela estende a mão.

Mesmo com Rodrigo relutante, eles dão as mãos. Eles começam a correr, pulam pela sacada e saem voando. A própria magia confere a ele a habilidade de voar.

– Uhu!! – grita Rodrigo, se divertindo como um menino – Isso é incrível!

– Que bom.

– Qual é o seu nome?

– Meu nome é Karone. Venha comigo. – ela vira e Rodrigo a segue.

Eles passam por um caminho da cidade que Rodrigo não conhecia e logo entram numa região mais rural. Uma mansão em forma de castelo se destaca na área. Ele começa a reconhecer, é dali que parece ser a torre com que tanto sonha.

Os dois pousam na torre. Assim como em seus sonhos, Rodrigo vê toda a cidade dali, de tão alta que é.

– Eu me lembro daqui dos meus sonhos... Chega, Karone, eu quero respostas!

– Por que se preocupar o tempo todo? Você merece isso. – o corpo de Karone começa a mudar e assumir a forma da ex-namorada de Rodrigo, por quem ele ainda era perdidamente apaixonado. O cabelo loiro e pele com sardinhas dão lugar a pele e cabelo morenos. O corpo antes pouco curvilíneo se transforma em seios fartos e quadril largo.

As imperfeições da ex-namorada, como celulite, não existem. É quase como uma versão melhorada. Karone se aproxima, encostado o corpo no de Rodrigo e morde de leve a orelha dele. Um doce perfume toma conta do ar.

A razão dá lugar ao desejo e Rodrigo beija Karone. Ela tira a própria camisa, num movimento rápido. Pele macia. Ela abre o fecho do sutiã, devagar. Os seios ficam mais soltos, como todos os naturalmente grande. Ela tira o sutiã. Rodrigo passa as mãos do pescoço de Karone até os seios, e os aperta forte. Escuta um gemido vindo da fada.

Ele se despe e termina de despi-la. Aquele corpo que tanto conhecia estava mais belo do que nunca. Eles se beijam novamente e começam a voar. Os ventos estão frios, mas o calor do corpo de Karone compensa tudo. A mão delicada e de unhas vermelhas toca o pênis de Rodrigo, que começa a enrijecer. Ele repete o ato e toca a intimidade dela. Ele a sente ficando molhada, conforme estimula o clitóris.

– Me fode... – murmura Karone.

Rodrigo penetra e sente Karone o abraçando. Ela é muito apertada e a cada centímetro que entra, murmura de prazer.

A velocidade e força com que é penetrada aumentam e Karone chega ao primeiro orgasmo, arranhando as costas dele. Nunca Rodrigo conseguiu fazer uma parceira gozar tão rápido e nunca se sentiu tão másculo.

Longe do castelo e de volta à cidade, Karone tira Rodrigo de dentro dela para poder chupá-lo. Ela o faz primeiro com curiosidade, descobrindo o próprio gosto misturado ao dele. Depois, aparentando ter adorado, aumenta a intensidade. Rodrigo a vira de ponta cabeça, para também fazer o oral. Um gosto doce quase surreal preenche a sua boca.

Eles param de voar sobre uma alta ponte. Rodrigo volta a penetrá-la. Ela geme novamente. A curiosidade dela é mais tesão para Rodrigo. Eles passam por várias posições. De quatro, foi quando ela gemeu mais alto. Por cima, ela se liberou. Totalmente no controle, se mexia e o cavalgava

como nunca nem a ex-namorada ou nenhuma outra mulher fizeram. Era prazer demais. Ela goza novamente.

– Vou gozar – murmura Rodrigo.

– Não! – brada Karone. – Vem.

Ela o abraça e, ainda transando, o leva rapidamente de volta para a Torre, sob um céu cheio de estrelas.

Karone tira Rodrigo de dentro dela e se ajoelha. Começa a masturbá-lo até que ele goza sob seus grandes seios. Ela lambe os seios até secá-los. Se levanta e os dois se beijam, voltando para o apartamento de Rodrigo.

Deitados na cama, se olham uma última vez antes de Karone voltar à sua forma anterior, loira.

– Eu te amo – diz, sorrindo.

– Eu também – responde Rodrigo.

Ela passa a mão pelo rosto dele para que feche os olhos e começa a murmurar uma canção para que ele durma.

Contos da Lápide – Parte II

Rodrigo acorda de bom humor. Karone não estava mais ao seu lado. Não era tudo só um sonho, ele tem certeza. Consegue sentir o cheiro dela ao seu lado na cama. Iria revê-la com certeza, pensava. Revigorado, parece que tudo relacionado ao programa havia acabado. Hoje, o entregaria para outra pessoa. Chega de stress. Karone protegê-lo-ia de qualquer coisa maligna que estava na sua cola todos esses dias.

★

Rodrigo se encontrou com Seu Adolfo. Ele aceitou de bom grado a renúncia de Rodrigo, que pediu um mês de férias da rádio. O acordo era que ainda fizesse uma última edição hoje e, depois, estaria livre.

Senta-se defronte o microfone, já sentindo saudades do posto. O importante é que já havia mostrado a capacidade como locutor. Conta a última história e volta para casa. Karone o aguardava.

– Bom te ver feliz, de novo. – diz Karone, com um copo de vinho na mão.

– Bom é ver você, Karone. – ele a abraça – Vamos viajar, eu preciso de férias.

–Vamos, pra onde você quer ir?

– Grécia! Sempre quis visitar.

– Estamos sempre a um pouco de mágica de distância.

– Antes, eu estou cheio de perguntas. - Rodrigo senta-se no sofá, relaxado - Todo mundo tem uma fada?

– Não. E eu não posso te falar mais do que isso. Há coisas que as pessoas não vão compreender.

– Droga. Estou fascinado por você. Eu... Aaaah... – Rodrigo começa a sentir uma pesada dor de cabeça. Seu nariz começa a sangrar. Começa a cambalear até a sua pasta. Karone nada faz para ajudar. De relance, começa a ver a roupa dela mudando para um traje de couro fetichista e seu cabelo virando azul.

Rodrigo tira um papel e uma caneta de dentro de sua pasta e começa a escrever. Nem ele sabe o que está fazendo, mas não consegue parar. Ao final, desmaia.

★

Horas depois, acorda. Na sua mão, três folhas marcadas por palavras que se misturaram com o sangue que caiu de seu nariz. Karone está na porta do apartamento. Ela faz um sinal para segui-la e sai.

Rodrigo se levanta, ainda tonto. A luz da lua é a única coisa que o ajuda a se guiar. Ele abre a porta e encontra Karone, no traje fetichista, enfiando uma faca várias vezes no corpo de sua vizinha, morta na porta do próprio apartamento. Ela começa a descer as escadas e Rodrigo vai persegui-la.

– Karone! Karone, volta aqui!

Rodrigo chega até a fachada de seu prédio. Karone vira a lateral da rua. Rodrigo a persegue. Quando encontra, Karone se transforma novamente na ex-namorada dele. As asas crescem. Ele a agarra antes que consiga voar.

– Chega, você vai me dar respostas agora!

– Agora ou... depois? – Karone começa a tirar a roupa. Rodrigo se lembra da noite anterior. De todo o prazer que sentiu. E vendo novamente aquele corpo, não se conteve. Começou a agarrá-la e transarm ali mesmo.

Luzes de farol começam a iluminá-los. É a polícia. Rodrigo vira-se para Karone, mas não era ela. Na versão fada ou ex-namorada.

*

Rodrigo está internado no hospital psiquiátrico, por ter matado a sua vizinha - com os detalhes narrados num papel no chão de seu apartamento - e estuprado uma mulher na rua. Não poderia ser preso, pois, claramente, estava fora de si. Depois de algumas tentativas de se mutilar, foi colocado num quarto acolchoado. Eugênio não costuma fazer consultas ali, especialmente com pacientes nesse estado, mas, algo em Rodrigo o intrigava.

– Karone continua o visitando?

– Não desde que eu fui preso.

– Você continua pensando nas histórias?

– Sim. Frequentemente. Mas ninguém acredita em mim. Eu sei que as mortes estão acontecendo. É simples. Eu comecei quando o antigo apresentador parou. Agora eu vejo as novas histórias do sobrenatural. É uma força, sabia? Eu pensei muito nisso. Eu sou só mais um pedaço do quebra-cabeças.

– E se fossem histórias que você leu, em algum momento da sua vida, e brotaram como inspiração no momento em que falou no microfone? Eu

te conheço, você é bem criativo.

– Não tão criativo. Como eu acertei a morte da blogueira?

– Era uma história genérica, poderia...

– Mas foi com ela! Um homem instruído como você deveria saber que não existem coincidências.

– Tudo bem, não estou aqui para brigar.

– O que aconteceu com o antigo apresentador? Ele tá aqui?

– Eu não acho que...

– Eu sou honesto com você, Eugênio. Nunca menti. Nunca fui tão honesto com ninguém. Só me fala como ele está.

– Ele está estável num quarto nessa mesma ala, mas bem longe do seu.

– Ele reclama de visões também?

– Sim.

– E da Karone, ele fala dela?

– Não, nunca mencionou nenhuma fada.

– Tem algo sobrenatural aqui, Eugê... Aaah!

Rodrigo leva as mãos à cabeça e começa a gritar de dor. Eugênio faz um sinal para que um enfermeiro venha ajudá-lo.

– É a sua filha, Eugênio. Gente muito ruim vai sequestrá-la. - o enfermeiro injeta um calmante em Rodrigo – São fanstass... – Rodrigo adormece.

Eugênio volta para casa incomodado. Rodrigo nunca havia ameaçado a família dele. É comum para alguns pacientes nessa situação focar a raiva justamente naqueles que querem ajudá-los, mas Rodrigo sempre foi cordial e educado.

A porta da casa de Eugênio está aberta. O psiquiatra entra devagar e encontra a esposa no chão. Do lado dela, um bilhete de resgate. Se quisesse rever a filha, teria que ligar para aquele número.

A esposa de Eugênio acorda e eles conversam sobre o acontecido. Homens vestidos com máscara de caveira e voz grossa entraram na casa. Foram rápidos e precisos no que faziam. Ela tentou ligar a polícia, mas um deles, com apenas um soco, a nocauteou.

O psiquiatra leva a esposa para a casa da irmã e ruma para o hospital. Se alguém poderia ajudá-lo de verdade, era Rodrigo.

– E você sabe onde posso encontrá-la? - pergunta Eugênio ao paciente.

– Não sei de nenhum endereço. Mas é a torre que eu te falei. Com um

papel e uma caneta, posso desenhar o mapa. - Eugênio faz um sinal para um guarda. Pela primeira vez em meses, Rodrigo tem acesso a esses dois simples elementos – Ela estará sozinha. Os fantasmas querem a ver ela passando fome sozinha.

*

A polícia vai até a mansão em forma de castelo e encontra a menina amarrada. Não há mais ninguém lá além dela.

*

Eugênio se encontra com Rodrigo novamente. O psiquiatra havia ligado assim que a filha foi resgatada para agradecê-lo e Rodrigo disse que precisaria cobrar o favor.

– Eugênio, eu preciso sair daqui.

– Eu não posso fazer isso, Rodrigo.

– Você, ao menos, admite agora que eu não sou louco. Como é que eu poderia prever aquilo? E todo o resto que sempre acontece?

– Você não precisa de mim, precisa de um exorcista.

– Mas você tem que me ajudar. Me declarar são, alguma coisa!

– Se você for declarado são, não ficará livre. Seu novo destino seria uma cadeia após ser incriminado por morte e estupro.

– E tem diferença daqui para uma cadeia?

– Tem. Muita. E você ser declarado são não dependeria só de mim. Você precisa da aprovação de mais outros dois médicos e nenhum fará isso. Nem se você começar a agir normalmente, porque não vai fazer sentido a sua loucura.

– Além do que, eu não consigo parar. Quando as histórias vêm, eu não consigo não contá-las. As visões da torre têm aparecido com mais frequência. Eu sei que a resposta está lá!

– O nome do antigo apresentador do Contos da Lápide é Alexandre. Eu o vi na semana passada. O psiquiatra responsável por ele ficou muito doente. Eu perguntei sobre a torre. Ele também a via. Coincidentemente, esteve bem melhor desde a primeira vez com que você sonhou com Karone.

– Mas ele nunca fala dela?

– Como eu já te disse, não. Mas a descrição dela criança, que você me deu, é quase igual a própria filha dele.

– Que ele estuprou como eu fiz com aquela mulher. Eugênio, eu

preciso voltar lá. Você não precisa me levar nem nada, só, por favor, me tira daqui.

– Sabe por que eu não posso deixá-lo ir? Pelo seu próprio bem. Há dois dias, Alexandre fugiu e foi para a torre onde acharam a minha filha. Ele se matou.

O psiquiatra se levanta e faz sinal para um enfermeiro que haviam terminado a conversa.

– Ele conseguiu escapar dessa maldição. Por favor. Se não fosse por mim, você nunca teria achado a sua filha.

Eugênio vira-se para o enfermeiro:

– Quer saber? Deixa que hoje eu mesmo entrego os remédios para o Rodrigo. – ele vai até o ambulatório e pega os medicamentos. Volta com o potinho e um copo de água. – Beba tudo, devagar.

– Obrigado.

*

No meio da noite, quando todos já estavam dormindo, Rodrigo tira a chave que havia escondido debaixo da língua. A confiança de Eugênio talvez tenha a mais sincera que recebera há meses. Cuidadosamente, abriu a porta do seu quarto e saiu. Com muita destreza – e sorte – conseguiu escapar sem que ninguém notasse. Karone o estava aguardando do lado de fora. Eles dão as mãos e saem voando rumo ao castelo.

*

Semanas se passam e Eugênio não ouve mais nada a respeito de Rodrigo. Começa a pensar que o paciente está morto. A sua preocupação, no entanto, é tomada por outra. Os donos do hospital descobrem o envolvimento dele na fuga do paciente.

– Eu estou dizendo, não tenho nada a ver com isso.

– Eugênio, nós vimos a gravação de você pegando a chave e colocando no copinho do paciente. Você o ajudou a sair. E dois dias antes, outro também fugiu. Tudo nos leva a crer que você também estava envolvido. Vai ser demitido e perder a licença. Você sabe que errou.

– Rodrigo precisava da minha ajuda.

– Rodrigo?

– O paciente.

– O nome dele era Jorge.

– Não, o Rodrigo, que tinha um programa de rádio de terror.

– Jorge era mecânico e sofria de bipolaridade. Doutor, de quem você está falando?

Eugênio começa a contar a história de Rodrigo. Ele nunca sequer constou em qualquer prontuário que o Hospital emitiu. Não há registros de ele ter trabalhado na rádio, embora o programa Contos da Lápide constasse. Nem o nome de Alexandre aparecia.

★

Eugênio é o novo interno do hospital psiquiátrico. Não consegue entender o que havia acontecido. Como é que ele teria imaginado toda essa história – e pra quê?

Como de praxe, é levado para o consultório de seu psiquiatra. Hoje, fora informado por um enfermeiro, veria um profissional diferente pois o seu havia se acidentado.

Eugênio entra na sala e vê Rodrigo de jaleco.

– Obrigado, André – disse para o enfermeiro, que sai – Pode se sentar, Eugênio.

– Rodrigo?

– Por essa inversão de papéis você não esperava, não é?

– O que aconteceu com você?

– Eu fui até a torre. Você precisa ver com os seus próprios olhos o que tem lá. Karone!

Karone entra vestida de enfermeira com uma chave na mão.

– Coloque debaixo da sua língua.

– Rodrigo, eles me disseram que você nunca existiu.

– Por que diriam isso? Parece que eles querem te ver louco!

★

Eugênio repete a fuga de Rodrigo, mas não há Karone o esperando. Ao invés disso, ele vai andando até a sua antiga casa. Pega a chave do esconderijo e, silenciosamente, entra para ver a sua esposa e sua filha. Por mais que a vontade seja grande, não pode acordá-las nem para um beijo.

Eugênio sai com o carro. Talvez a sua esposa tenha escutado e ligue para a polícia. O que importa é chegar o mais rápido possível a torre, conforme as instruções que Rodrigo havia lhe dado. É hora de chegar ao final dessa história.

★

Rodrigo estaciona o carro em frente à mansão. A porta está aberta. Ele

entra.

Se não fosse pelo tamanho menor, com certeza que poderia se confundir aquela construção com um castelo. O interior, principalmente, lembrava o cenário de um filme de época – com exceção das volumosas teias de aranha.

Eugênio ruma para a torre, onde, após subir uma longa escadaria, encontra Rodrigo, Alexandre e Karone.

– Muito bem, eu quero respostas. Dos três. O que estamos todos fazendo aqui?

Karone dá um passo pra frente:

– Transcendendo – as asas dela começam a crescer. Ela estica o braço e os quatro dão as mãos, formando um ciclo.

Com a magia de Karone, saem voando da torre.

Alexandre desaparece. Rodrigo desaparece. Por fim, Karone desaparece.

Eugênio cai do céu.

*

*

– E assim chegamos ao fim de mais um conto de loucura. Confuso? Que bom. Quem sabe você fique louco tentando entender o que aconteceu. Quando foi a última vez que foi ao seu psiquiatra?

O Lado Não-Glamouroso

Geraldo, desce já pro porão!

– O que foi, Cláudia?

– Outro corpo de estudante universitária?

– A culpa não é minha. Eu não escolhi essa condição de serial killer.

– E eu não escolhi a de serial cleaner! Eu falei, da última vez, que, a partir de agora, era problema seu limpar a própria bagunça de cada assassinato.

– Tá, o que eu tenho que fazer?

– Pra começo de conversa, envolva o corpo em saco plástico, ponha no carro com cuidado e joga lá no Rio Azul . Depois limpe todo o sangue que pingou no caminho e no carpete.

– No Rio Azul? Mas é do outro lado da cidade!

– É, essas coisas não aparecem no cinema, eu sei. Lá é o só o Brad Pitt, Sharon Stone, a barra quem aguenta é a gente!

– Ai, que saco, vontade de me matar!

– Nem brinca com isso, Geraldo. Cala a boca.

– Eia, por que isso?

– Porque... Não deseje isso pra si mesmo. Quem se mata vai pro inferno.

– Mas qual a diferença entre isso e o que eu faço?

– Muita. Você não faz porque quer, faz porque é tipo doença.

– E Deus perdoa?

– Pode ser quer perdoe. Não tem um monte de filme que o bandido acaba virando o mocinho. Você pode virar o mocinho ainda. Agora, se você se matar, daí não tem mais como. Ai, melhor nem comentar.

– Desculpa, não sabia que isso era tão tabu pra você...

– Mas é. Tem coisas que é melhor a gente nem conversar.

– Eu acho que se deve falar sobre tudo. Quem sabe se a gente falasse mais sobre suicídio, não iam existir tantos casos como existem.

– Eu discordo. É colocar coisa na cabeça das pessoas, que não necessariamente existiam antes. Que nem aborto.

– Mas nem falar da prevenção?

– Geraldo, eu não quero falar sobre isso! Enquanto você termina de

limpar a sua própria bagunça, eu vou lavar a louça, colocar a roupa pra lavar, terminar de passar a de ontem e preparar a mesa do café. Fui!

Barbearia

É um dia calmo. O sol das 13 horas ilumina a leitura dela. Ao seu lado, outro cliente está sendo atendido. Logo não estará mais. Nem toda boa história precisa de um conflito.



The Barber Shop

Artista: Edward Hopper

Data: 1931

Estilo: Realismo Social

[Escolha o final/título]

A casa de Leandro é quase uma mansão. Localizada numa encosta, possui três andares. No térreo está a cozinha, a sala e o escritório. No de cima, três quartos: a suíte máster de Leandro e da esposa, a suíte do filho e a de convidados. O andar abaixo do principal é o salão de festas. Ali que está Leandro, amarrado numa cadeira, enquanto Carlos dá início ao emocionado discurso da noite.

- Eu sofri a minha vida inteira. Encontrava a minha mãe chorando escondida, sozinha, no quarto. Eu perguntava o que havia acontecido e não tinha resposta. Antes, ela chorava muito pelo falecimento dos meus avós, mas eu sabia que não era o caso. Só depois de alguns anos, ela me disse em alto e bom som: nós perdemos tudo! Um golpe! Eu percebia os natais ficando cada vez mais modestos, bem como o decorrer do ano, mas só quando ela disse que caiu a ficha. Você foi muito esperto, Leandro. Conquistou a gente no momento de maior fragilidade. Quando acreditaríamos em qualquer um. E você nos prometeu o mundo. Nós não fomos os seus primeiros, não?

Leandro fica em silêncio.

- Me responda! Nós não fomos os seus primeiros?

- Não.

- Lógico que não. Quantos antes?

- Eu não sei. Não é como se eu ficasse contando.

Carlos dá um soco na cara de Leandro.

- A minha família o tinha com um amigo e você traiu a todos nós. Éramos as últimas pessoas honestas no mundo! - Carlos anda pelo salão de festas e abre um champagne - Festa! Comemoração! Puxa, como eu sonhei com isso. Sabe, esse é o momento mais feliz da minha. Porque é algo bom, é justiça, e eu estou bem com o meu orgulho, entende? Outras conquistas minhas eram ótimas, mas não eram completas. Era como se eu nunca fosse estar feliz, mas olha só pra você, Leandro. Imóvel, à minha mercê. Mais perfeito ainda seria se a sua esposa e o seu filho estivessem aqui, não é? Pra comemorar com a gente.

- Eles não estão no país.

- Eu sei. Disney! Pela terceira vez! Eu olhei o Facebook de vocês. E

nessa crise, hein? Mas rico nunca tem crise. Pena. O menino era só um bebê quando conheci, mas a sua mulher... Ela sempre soube de tudo, né? Uma cúmplice. Enfim, por enquanto, somos só eu e você, Leandro. - Carlos se afasta em direção à porta – Aguenta aí um pouquinho, eu já venho.

Um novo dia tem início. Leandro está caído no chão, amarrado na cadeira. Havia tentado escapar, mas sem sucesso.

- Bom dia, Leandro! - exclama Carlos, abrindo a porta com uma maleta na mão – O dia pra mim já começou cedo, ligando para os seus funcionários e, em seu nome, dispensando do serviço o resto da semana. Estão precisando de uma folga remunerada. Ah, já sabe né? Se alguém ligar pra confirmar, eu trago o seu celular e você confirma o que eu disse... Que carinha é essa? Eu sei que prometi voltar logo, mas, rapaz, era tanta coisa gostosa na geladeira que eu fiquei cheio e fui obrigado a deitar naquela cama enorme. Um longo dia nos espera.

- Eu tô com sede. Por favor, eu quero água.

- Vish, água... Não. Várias vezes eu também quis coisas que simplesmente nunca vieram.

- Vocês tinham o suficiente para uma boa vida, uma vida de classe média...

- Cala a boca! Não é só isso. Você tirou coisas que estavam na família há anos. Roubou nossa história.

- Pessoas como vocês são responsáveis pelas desigualdades do mundo. Eu, na sua idade, trabalhava numa obra e mal tinha o que comer.

- E isso é desculpa pro mal que você fez? Acha que o seu feito foi justiça? Você acabou de irritar a única pessoa que poderia te conseguir um gole de água. Uma das coisas que me ajudou nesses anos foi imaginar você sofrendo. A internet é um negócio maravilhoso, você pode descobrir vários métodos de tortura. Vamos começar.

Leandro grita por socorro quando vê Carlos retirar os itens que estavam na maleta. Ele nunca será ouvido, o isolamento acústico que colocou para não incomodar os vizinhos era muito eficiente.

Dois dias se passam, com Carlos torturando Leandro e dando o mínimo de água e comida para que não morresse. Após horas ausente,

Carlos volta.

- Que noite! Sabe de onde eu acabei de vir? De uma hora com a sua amante.

- O quê?

- Tainara. Que morena! E por apenas 200 reais a hora! Um preço acessível para qualquer pai de família, não é?

- O que você fez com ela?

- Muita coisa! Mas ela está bem, caso queira saber. Você gosta dela, não é? Quantas vezes já cantou “Eu vou tirar você desse lugar?” - Carlos retira documentos de uma pasta e entrega para um fraco e impotente Leandro

- Você vai me devolver tudo que era pra ser meu por direito. Vamos finalizar juntos.- a mão fraca de Leandro já não tem mais força para fazer uma assinatura firme. Carlos põe a mão sobre a dele.

Um barulho de porta abrindo chega ao salão de festas. Era a esposa de Leandro, chegando em casa com o filho de 12 anos após a viagem. Ela percebe que algo está errado.

- Fica aqui. Não sai daqui – diz ao filho e pega uma faca na bancada da cozinha. Desce até o salão de festas para ver o marido num chão manchado de sangue. - Leandro! - ela começa a correr em direção a ele, quando sente o gelado de metal no pescoço.

- Pode ir abraçar o seu marido, mas solte a faca- Carlos está com a sua arma encostando nela, que o obedece – Bonnie e Clyde do Brasil.

- Quem é você? - pergunta a esposa de Leandro, com o marido nos braços.

- Eu sou o Carlinhos! E você chegou na hora certa!

- Olha, se é dinheiro que você quer, a gente pode...

- Não mais. Vocês estão pobres agora. Mas não é pelo dinheiro... É por todas as alegrias que me foram negadas, pelas noites que a minha mãe chorou e pela morte do meu pai, que nunca conseguiu ter o tratamento necessário.

- Você não vai conseguir fazer isso. - A esposa se levanta. - Você pode ter feito tudo, mas será que consegue tirar uma vida? Eu acho que não.

- Ah, tá – Carlos puxa o gatilho e ela cai no chão. O sangue se mistura ao de Leandro que já havia escorrido após as sessões de tortura. O som do tiro ecoa pela casa e atrai a atenção da criança na cozinha.

- Mãe? - o filho de Leandro começa a descer ao salão de festas.

- Ele puxou ao pai, é corajoso – diz Leandro com a faca na mão, vindo enraivecido em direção a Carlos, que o empurra novamente ao chão.

- Legal a descarga de adrenalina, mas você não vai conseguir.

- Nem você, a sua vingança.- diz Leandro, enfiando a faca no próprio peito.

- Não!!! – grita Carlos - Orgulhoso até o final, não é?

O filho de Leandro entra. Perplexo, começa a tremer. Com um grito, as lágrimas começam a escorrer de seu rosto. Ele corre até os corpos dos pais.

Carlos nunca tinha passado por isso. Só agora percebeu que havia tirado dessa criança muito mais do que Leandro um dia tirou dele. Embebedado em sua raiva, havia se tornado um monstro.

- Qual o seu nome? - pergunta ao menino – Ei, me responde.

- Eu te odeio!

- Eu entendo.

Final 1	Final 2
<p>- Você deve estar querendo muito me matar, não é? Eu sei que sim. Olha, um dia você vai vir atrás de mim. - ele se aproxima do ouvido do menino e murmura – Eu vou estar esperando.</p> <p>Carlos cospe no corpo morto de Leandro e dá às costas a família reunida.</p>	<p>- Me desculpe menino, mas, às vezes, as coisas saem de controle. E me desculpe pelo que eu vou fazer a seguir, mas, um homem prevenido vale por dois.</p> <p>Carlos atira. O choro para.</p> <p>Dois anos se passam. Carlos, do quarto do hotel, tem uma vista linda para a Torre Eiffel. Estava realizando o sonho de conhecer o mundo. A campainha do quarto toca. Era o “serviço de quarto” que pediu.</p> <p>- Não acredito, Tainara? - Você me conhece de onde? - O que você tá fazendo aqui? - Um cara trouxe eu e umas amigas pra cá há um ano.</p>

	<p>Carlos faz um sinal para que ela entre. Os dois conversam e bebem champagne durante algumas horas. Para ele, não era mais problema o preço de uma noite com uma prostituta.</p> <p>A bebida acaba e vão para o quarto. Ele entende porque Leandro a mantinha como amante.</p> <p>Carlos está sentado na ponta da cama com Tainara sobre ele. Juntos, chegam ao orgasmo.</p> <p>- Você é maravilhosa, sabia?</p> <p>- Você também. Mas não tanto quanto o Leandro – Tainara tira um picador de gelo que havia escondido entre os lençóis e enfia no peito de Carlos – Eu o amava.</p> <p>Ela sai de cima de Carlos. Vai para o chuveiro, toma o banho providencial e se veste. Dá uma última olhada para o corpo no chão, pega o envelope com o seu pagamento e sai do quarto.</p>
<p>Título: Vendetta</p>	<p>Título: O Escorpião, o Leão e a Viúva Negra</p>

0 Apocalipse Humano

Os *Homo zumbilis*, ou simplesmente Zumbi”, substituíram os Neanderthais na escala evolucionária. Seu corpo se assemelhava muito ao de seus antecessores, porém possuíam pele completamente deformada – que servia de alimento para vermes e insetos – e seus ossos eram menos calcificados. O que garantiu a sua sobrevivência foi a quase imortalidade. Mesmo com pele deteriorada e ossos frágeis, resistiam aos extremos de temperatura. Conseguiram sobreviver tranquilamente até sem alguns órgãos que anteriormente eram vitais aos neanderthais. Seu principal alimento eram cérebros. Primeiro consumiam os cérebros dos próprios neanderthais – por isso foram extintos – mas depois foram obrigados a se alimentar de outros animais. Os zumbis eram seres muito agressivos, porém lentos na caça. Costumam andar em bandos e não se atacam entre si. Por quase 7 mil anos foram a espécie dominante da Terra.

No entanto, um vírus começou a se espalhar. Alguns zumbis começaram a ficar doentes. Os sintomas iniciais eram feridas se regenerando da pele e ossos mais rígidos. Logo, paravam de andar mancando e as costas desentortaram. Ao invés de grunhidos e berros, tentavam se comunicar.

No começo, os infectados foram tratados com desconfiança pelos zumbis, que os mantinham presos. Quando os casos aumentaram, os grupos começaram a entrar em combate. Por estarem doentes – dependendo de todos os seus órgãos, desde o coração aos rins – e em menor número, os infectados eram alvos mais frágeis.

Os zumbis viraram vítimas do próprio instinto quando passaram a consumir os cérebros dos infectados. Apesar de deliciosos – ainda mais do que os dos neanderthais – eram tóxicos, já que continham o vírus. Já os infectados, não tinham grandes problemas na alimentação. Por serem onívoros, não precisavam necessariamente comer a carne outros animais. Quando a caça não rendia, podiam se alimentar de vegetais ou frutas – coisa que os zumbis nunca faziam.

Por mais que os zumbis lutassem, os infectados começaram a aumentar em número. E eles tinham uma grande vantagem em relação aos zumbis:

um instinto mais aguçado, ou “racionalidade”.

Depois de tempos, os infectados começaram a desenvolver a habilidade de se comunicar e transmitir informações complexas. Conseguiram também construir moradias e ferramentas rudimentares, que passaram a usar nos combates contra o grande número de zumbis. Eles logo adotaram o nome de “humanos”. E não tardaram a descobrir que os zumbis tinham um ponto fraco: não conseguem se mexer por muito tempo se a cabeça é separada do corpo.

Rapidamente, os humanos começaram a aumentar de número. Os zumbis, amedrontados, tentavam se esconder, mas os humanos, dotados de maior inteligência, conseguiam achá-los. Alguns zumbis, mostrando capacidade maior que os outros, usavam de sua fúria para acabar com muitos humanos, mas não passava de uma questão de tempo.

Os filhos da reprodução entre infectados já nasciam com o vírus, sendo condenados a serem humanos desde o primeiro dia de “vida”.

Um dos hábitos dos deles era, em bandos, cultuar um “homem superior”, que chamavam de Deus. Esse é um comportamento nunca visto em neanderthais ou zumbis. Os humanos acreditavam que Deus era o responsável pela existência de tudo e que era o senhor do destino. A conduta humana era quase toda voltada para agradecer os desejos do homem superior.

Os humanos começaram a construir grandes casas e edifícios, sistemas agrícola e pecuarista. Para energizar as máquinas construídas, desenvolveram formas de geração de energia novas e potentes, uma delas com a quebra de um átomo.

Algumas regras de Deus eram quebradas com frequência, uma delas, a da busca pela paz. Depois de erradicados os zumbis, alguns grupos de humanos começaram a batalhar entre si, em busca de territórios ou recursos naturais. Esses grupos acreditavam que Deus os perdoaria por terem boas intenções e os inimigos serem maiores pecadores sem motivações convincentes.

No entanto, os humanos consumiam muitos recursos naturais sem preocupação com a natureza. Além dos zumbis, passaram a extinguir várias outras espécies de fauna e flora. Destruíram florestas inteiras para usar a madeira das árvores em suas construções. Esgotaram recursos energéticos, como a gasolina, e essenciais, como a água. A sua própria

existência passou a ser miserável.

A Terra passou a ser um cenário apocalíptico, com humanos vagando de um lado para o outro se alimentando do que encontravam.

E foi assim que aconteceu o Apocalipse Humano, acabando com praticamente toda a vida da Terra.

A Dama de Rosa

Sextas são os dias que eu odeio mais. Porque são os dias em que eu começo a trabalhar mais. É o fardo de se ter escolhido o emprego só por dinheiro. Quando eu me formei, tinha grandes sonhos. Mas minhas contas eram maiores que eles. Você abre um jornal e o que vê? O Real combatendo a inflação. A classe média pela primeira vez em muito tempo planeja viajar pra Europa e pros Estados Unidos. Podem ir e não voltar, se depender de mim. O Fernando Henrique dando uma nova cara ao Brasil. Eu não votei nele. Mas meus candidatos sempre são derrotados. Futebol. Uma vitória passando a valer 3 pontos no Brasileirão, por ordens da FIFA. Um monte de engravatados tomando decisões sobre esportes. Parece uma piada de mal gosto. Quer um plano pro final de semana? Tem mais um tributo pro Kurt Cobain. Uma morte trágica? Eu digo às pessoas que ele cavou o próprio buraco. Me olham com cara feia. Você acha que aquele homem planejava viver muito? Claro que não.

Enquanto isso, o que eu cubro? Madames. Figurões. Luzes. Champagne. Futilidade. Se eu escutar mais uma música dos Backstreet Boys numa festa de debutantes, eu me mato. Ou mato elas. Mas o salário de editor da Coluna Social é melhor do que um repórter. E quando se é recém-formado, todo dinheiro extra pra bebidas, minha e do meu carro, conta. O problema é estar há muito tempo aqui.

O editor-chefe se chama Eric Luther. É um alemão que já deveria estar aposentado há anos. Um cachorro velho nunca larga o osso.

Eu sempre pergunto:

– Quando você vai me tirar daqui, Luther?

E ele sempre responde:

– Só mais um final de semana, Carione.

Se eu recebesse dinheiro cada vez que ouço isso, seria o primeiro repórter rico do mundo.

Luther não sabe, mas essa é a minha última festa. Eu caio fora na segunda-feira. Podia ter saído antes, mas é bom ter um último motivo pra deixar o jeans e usar um terno fino.

À primeira vista, é um evento como qualquer outro. Aniversário de algum empresário. Consegue sentir esse cheiro? É o cheiro das vidas

destruídas por ele em nome de um ano mais polpudo.

Se eu tivesse com uma câmera, todos estariam me tratando muito bem. Como não tenho, não passo de uma sombra pra essa gente. Não que eles mereçam minha atenção também. Ninguém aqui merece... Menos ela.

Ela sempre usa rosa. E hoje não poderia ser diferente. Vestido adorável. Luvas, brincos, colar também. E o cabelo loiro combina perfeitamente com a pele bronzeada. Eu nunca conversei com ela antes. Mesmo assim, a gente se conhece. Todos os dias, eu indo pra redação, e ela seguindo o caminho dela. Olhares, cumprimentos. Nunca palavras. Ela vai para o bar pegar algo. Eu vou em seguida.

– Boa noite. Bom te ver aqui.

– Oi! – ela me abraça, com um delicado beijo na bochecha. Hmm, um aroma de baunilha.

– Já faz uns dois meses que eu não te vejo mais. O que houve?

– Eu parei de trabalhar no Augusto, tô num outro laboratório agora.

– Nós sempre nos cumprimentamos, mas eu nem sei o seu nome.

– É Ângela.

– Muito prazer em finalmente te conhecer, Ângela. Meu nome é Carione.

– Carione?

– Você pode me chamar assim.

– Ok. Você vive naquele bairro?

– Ah, não. É um atalho para o jornal.

– Você é um jornalista.

– Por enquanto. E você, o que faz?

– Sou farmacêutica.

– E o que te traz pra essa festa?

– Minha irmã conhece a filha do aniversariante. Por sinal, você viu a minha irmã?

– Eu nem sei como ela se parece.

– Igual a mim, hahaha. Somos gêmeas.

– Então há duas de vocês. O mundo tem muita sorte.

– Eu tenho que ir atrás dela. A gente se vê.

Eu seguro a mão dela por um momento.

– Em caso de você não encontrar sua irmã, eu estarei aqui.

Ela sorri e se vai. É até bom. Alguém tão graciosa não combina com

alguém que cheira a café e sarcasmo.

– Aaaaaaaaaaaaaah!

Um grito feminino ecoa pelo clube. Parece ter vindo do banheiro. Corro e escancaro a porta. Acredito que, nessas situações, as convenções sociais possam ser quebradas.

– Carione.

Ângela, assustada, me abraça. No chão, uma menina morta com um corte na garganta. A poça de sangue logo chega aos meus pés.

Os médicos do recinto logo chegam para atestar o que um ignorante já sabia, que a garota estava morta. Alguns psicólogos que estavam por ali, para mostrar que também podem ser médicos, retiram Ângela dos meus braços. Deixei. A polícia vai chegar logo, também, não vou mais incomodá-la por hoje.

O seguinte: eu nunca tive problema pra dormir. Mas hoje, não consigo evitar. É uma sensação muito ruim que percorre o meu corpo. Parece... Interesse. Ângela era muito linda... E o assassinato, muito estranho. Para uma última festa, estava se tornando uma ótima pauta.

Novo dia, decidi ir ao velório da menina morta. Era a filha do aniversariante. Tinha apenas 25 anos. Nessa idade, o comum é overdose, não vidro na garganta.

Quebrando a monotonia cromática preta de um funeral, está o colar rosa de Ângela. Ela entra tímida na Igreja e logo me reconhece. Faço um sinal para que venha sentar ao meu lado. O cheiro do perfume de jasmim é reconfortante.

– Então, como você está lidando?

– Com tudo isso? Eu estou um pouco chocada, mas estou bem.

– Só um pouco é bom. Onde está a sua irmã? Pensei que ela era amiga da vítima?

– Ela era, mas não sei se Augusta conseguiria fazer cara de triste aqui.

– Por que isso?

– Elas tiveram uma briga muito grande e Augusta costuma guardar rancor. Não é rancor suficiente pra impedir de aproveitar uma festança como a de ontem, mas não duvido se ela não aparecer aqui. – Eu consigo ver que ela está desconfortável. Não sei se a culpa é minha ou do contexto.

O Padre começa a falar. “Ninguém merece morrer jovem, mas que tudo está nos planos de Deus, e Ele só faz o certo.” Até parece. Olhe os

pais. Agora mesmo, eles desejariam estar no lugar da filha, só para evitar o próprio sofrimento. A vida vai continuar, amigos. Mas não por causa de hipocrisia religiosa, porque as coisas são assim.

Ângela está tentando parecer forte, mas tenho certeza que a mais leve pluma a faria desabar. Deus, olhe esse padre. O discurso, parece que ele quer que todos chorem ainda mais.

O Pager da Ângela é bipado. Ela levanta rápido e sai, sem se preocupar com ser discreta. Alguém tão educada não age assim. Eu me levanto e vou atrás dela:

– O que houve? Está tudo bem?

– Sim, é que estourou o encanamento do meu apartamento. Eu já tinha chamado alguém hoje de manhã pra consertar, mas não deu certo.

– Precisa de ajuda?

– Não, o meu namorado já cuida de tudo.

Essas palavras me afogam em minhas próprias ambições. Confundi educação com flerte. Volto para dentro da Igreja, para velar os sonhos que morreram.

Bom. O padre ainda está falando. Acho que não perdi muita coisa.

Algumas pessoas começam a se levantar e rumar ao caixão para prestar condolências quando o padre finalmente cala a boca. Está fechado, obviamente, melhor ninguém ver a princesa morta com o rasgo na garganta.

Eu consigo ouvir todos atrás de mim fofocando em murmúrios. Eu me viro e vejo Ângela voltando, com o nariz empinado e olhar decidido. Ela trocou de roupa?

– Ei, aonde você vai?- eu agarro o braço dela.

– Me solta!

Eu noto que não há nada de rosa nela. Nem o cheiro de jasmim. E o olhar é agressivo demais.

– Augusta.

– Você me conhece?

– Eu conheço a sua irmã.

– Argh... Onde ela está?

– Ela saiu.

– Aposto que ela está com o Henrique. A caminho de Ibiza.

– Cano estourado.

– Hmm... Menos glamouroso.

Augusta acende um cigarro e dá uma tragada. O batom preto deixa marcas. Ela continua andando reto e corta a fila das condolências. Abre o caixão e apaga o cigarro no rosto da falecida. Vira e sai andando. Todos estão tão surpresos que ela já estará longe quando pensarem no que fazer. Já eu não sou tão lento e vou confrontá-la no meio dos carros estacionados.

– Isso foi meio rude.

– Foi necessário.

– Eu duvido.

– Você não sabe de nada. Qual o seu nome?

– Carione.

– Vai embora, Carione.

– Você terá que fazer mais pra me afastar. Estou preocupado com a sua irmã.

– Minha irmã está morta. Ah, você quer dizer a Ângela. É só uma ondinha no mar de tranquilidade. Claro, o tempo pode mudar, mas ela é forte.

Augusta entra no carro e vai embora sem se despedir. Acho que é algo que as duas têm em comum.

Eu vou para a redação escrever sobre a festa. Honestamente, deve ser a primeira vez que o trabalho me exige algo mais do que apenas adjetivar trajes e decorações. Conversando com uns colegas – alguns até foram à festa –, descubro que o aniversariante era um cientista renomado e que sua filha o assistia em vários projetos. Os dois estavam muito próximos de descobrir a cura da AIDS. Acho que o mundo vai ter que esperar um pouco mais.

O telefone em minha mesa toca. Respiro fundo e atendo.

– Carione.

– Oi, que bom que te encontrei. É a...

– Ângela.

– O Henrique não conseguiu me atender o dia todo, será que você pode vir me ajudar com o encanamento? Desculpa te pedir, é que a coisa tá complicada e você parece o tipo de homem que poderia me ajudar...

– Eu pareço um homem que pode cuidar do seu encanamento? Haha... Claro, me passe o endereço.

É um bairro caro da cidade. Daqueles que a polícia nem passa perto. Afinal, é bom ter a mão molhada por empresas de vigilância que só lucram com uma elite assustada. Isso e o fato de que punir é bem mais divertido do que prevenir.

Eu não acredito em mim mesmo. Eu sei que ela namora e, mesmo assim, eu empolgado em rever... O rosa.

O porteiro do condomínio me deixa entrar, já havia sido avisado que eu viria. Eu pego o elevador até a cobertura. Toco a campainha e nada. De novo. Começo a bater na porta.

– Ângela? Ângela?

A porta está aberta. Tenho que dizer, a mobília aqui é maravilhosa. Paredes decoradas com pinturas sem sentido. Uma cristaleira maior do que o meu armário. Um vídeo-cassete novinho.

– Ângela? - Por que ela me chamaria aqui pra não ter ninguém em casa?

O telefone começa a tocar. Não consigo achar de onde vem o barulho.

Começo a andar pelo apartamento. Não consigo ficar confortável.

Alguém como eu não deveria ficar num lugar tão caro.

Uma porta aberta. Provavelmente um escritório. Deixe-me corrigir: é um belo escritório. Ao invés de uma parede, há, ao fundo, uma janela de vidro enorme em que se deve ter uma bela vista. As cortinas também parecem ser de um tecido ótimo. Eu atendo o telefone. Silêncio, do mais profundo e profano. Ouço uma risada no fundo.

Ponho o telefone de volta no gancho e me viro para ir embora. Espera. Tem algo errado com a cortina. Eu olho direito e... um corpo.

Um homem de paletó com várias marcas no rosto. Ele não está respirando. Eu checo, mas não há pulso.

Eu tenho que sair daqui. Primeiro, chamar os policiais. Isso vai ajudar com as perguntas como “o que diabos eu estava fazendo ali?”. Diabo, nem eu sei. Por que Ângela faria isso? Ou melhor... Ela está bem?

Faço a ligação anônima. Meu dever por enquanto está cumprido.

Eu saio do escritório e vou para a entrada do apartamento quando a polícia chega.

– Mãos para o alto!

Eles não chegariam aqui tão rápido. Alguém já os chamou antes mesmo de eu chegar. Não é gostoso o frio das algemas nos meus pulsos. Todos esses homens parecem muito poderosos e me olham com um olhar

de desprezo. Me pergunto como eles são sem o trajes para os proteger. O quão covardes e corruptos devem ser quando ninguém está olhando. Quantos não devem sequer ter uma ereção na cama com a mulher? Deve ser por isso que descontam tanta raiva em nós.

O interrogatório não é nada como nos filmes. Não há uma sala grande, nem a rotina de tira bom e tira mau. É o delegado na sua cara, numa sala pequena e mofada, fazendo perguntas até você acabar se enforcando. Para o azar dele, eu não sou suicida. Minha história sólida me protege, por enquanto. Quando um outro policial entra na sala com um relato do porteiro, chegam a conclusão de que eu não poderia ter matado Henrique e escondido evidências em tão pouco tempo.

– Você está dispensado, por ora. Mas não saia da cidade.

– A cidade é grande o suficiente pra qualquer um fugir, chefe.

Saio da delegacia e dou de cara com ela: Ângela. Os tons escuros de rosa combinam com a cara séria com que ela me olha.

– Seu monstro! – ela começa a me bater com a sua bolsa.

– Ângela! – eu a repreendo.

– Você matou o meu namorado!

– Eu não fiz nada. Por que você me chamou lá?

– Hã?

– Você me chamou no meu trabalho pedindo ajuda.

– Eu nunca te liguei.

– Acho que temos muito sobre o que conversar.

– Tenho que prestar depoimento agora.

– Depois então. Eu te espero aqui.

Ângela leva duas horas para sair da delegacia. O cansaço em sua cara é notável. Eu sou inocente, mas logo vão me ligar de novo. Ângela, ao contrário, foi quem me chamou.

– Aonde você quer ir?

– Qualquer lugar... Na verdade, eu quero ir pra minha casa. A minha casa de verdade, eu acho que só lá vou me sentir segura.

– Então, vamos.

– Henrique acabou de morrer. Não vai ser bom os meus vizinhos me verem com outro homem.

– Danem-se seus vizinhos. Eles sempre vão fofocar. Nós temos que conversar. Estou tão envolvido quanto você.

Ela entra no meu Escort e começa a dar instruções.

O apartamento não parece dela. É decorado, mas não vejo nada rosa ao meu redor. Casacos no chão. Quadros desalinhados. Até flores mortas. Incrível como uma menina tão cheirosa e bem arrumada vive nessa bagunça.

– Não repara a bagunça, Carione. Os últimos dias tem sido...
Complicados.

– É impossível não notar, mas eu entendo.

Eu sento no sofá e ela se senta na minha frente.

– Ai, por que a gente foi se conhecer, né?

– Quê?

– Longa história. Mas você merece saber. Se importa de me ouvir desabafar?

– Eu sou um bom ouvinte.

– Tudo começou quando a minha irmã mais velha, a Daniella, faleceu há uns 3 meses. Ela era a minha melhor amiga. Foi quando a Augusta voltou pra cá. Fazia anos que eu não via ela. Ela tava viajando a trabalho. A Augusta e eu... É diferente do que era comigo e com a Daniella. Desde pequenas. Ela... Meus pais sempre mimaram mais a Augusta. Ela era a queridinha. Se vestia como uma princesinha e era educada com todo mundo. Só que... Uma noite, um bandido entrou lá em casa e matou os nossos pais. Nós três fomos morar com a minha avó e ela não mimava ninguém. Só que ela recompensava o trabalho duro. E eu sempre batalhei mais duro que a Augusta. Ela nunca aceitou que eu passei a ser a queridinha da casa. “Por que a Ângela tem isso e eu não?” “Porque ela mereceu”, dizia minha avó.

– Sábia idosa.

– Ah. Nunca tivemos muito pra viver. Primeiro a Daniella saiu de casa pra seguir seu caminho, nossa, como ela trabalhou pra pagar a faculdade. E depois, fui eu. A Augusta só saiu anos mais tarde porque estava com inveja da gente. De mim. – Ângela suspira, como se não estivesse conseguindo se comunicar direito.

– Por que você está me contando isso?

– Eu acho que é a Augusta que ta fazendo tudo isso!

– Eu acho que foi ela quem matou a Patrícia na festa. E ela fez de alguma forma pra que eu aparecesse ali no banheiro...

– Como ela faria isso?

– Eu não sei e... O Henrique... O Henrique era um sonho – Ângela começa a soluçar, enquanto lágrimas vêm aos seus olhos – Augusta sempre sentiu ciúmes dele. E hoje, olha só – ela me estende a mão, com um anel e um belo diamante – Ele tinha me pedido em casamento! Aquela hora que eu saí do velório, ele me pediu, aqui. Disse que só ia pro apartamento dele resolver umas coisas e que voltaria pra cá, pra me ajudar na mudança. Ele morreu noivo, Carione!

– E a Augusta o matou também?

– Ciúmes e... Ela queria me ver presa. Quando eu fui pedida, eu liguei pra ela. Não tenho mais família e quando a gente fica noiva, quer ligar pra todo mundo! Ela sabia... Pensa comigo, Carione... o Henrique era riquíssimo! Com ele morto, e eu noiva, eu posso tê-lo matado pelo dinheiro!

– E daí você me chamou pra fazer parecer que fui eu... ciúmes por causa da linda garota pela qual eu estaria obcecado há muito tempo. E eu também estava na festa, não estava? Você terminaria rica e desimpedida. – eu a pego pelos dois braços, aperto bem forte – Me diga que isso não é verdade.

– Não é. – ela me diz com olhar fixo em mim. – Se fosse, por que eu te chamaria aqui?

– Faz sentido.

– Eu vou tomar um banho.

– Quer companhia?

Ângela ri. Pelo jeito, não sou bom em consolar “viúvas”.

– Abre um vinho pra mim. Se você quiser outra coisa, tem ali no bar.

Ângela tira a blusa antes de entrar no quarto. Ninguém nunca nota as costas de uma mulher. O que de atraente teria lá? De verdade, nada. Mas eram costas perfeitas... Hora de beber.

O bar tem um monte de vinhos e uma garrafa do uísque. Me sirvo um copo de 12 anos e pego uma garrafa de merlot. Acredito que se encaixe com a situação. Não consigo achar o saca rolhas. Começo a mexer pelas gavetas. Muito interessante essa terceira. Um álbum de família.

Ângela era bonita desde criança. É fácil ver quando uma criança será feia adulta. Ângela não era assim. Quer dizer, não sei dizer se estou falando de Ângela ou Augusta, mas nesse caso pouco importa. Essa outra

deve ser Daniella. Muito bonita também. Hmm, as gêmeas pararam de tirar fotos juntas. Deve ter sido no momento que brigaram.

O fim do álbum está cheio de recibos. Ângela tem gastado muito. Muito mesmo. Manter essa vida cor de rosa parece ter um preço alto. Principalmente de jóias...

– Se você não se importar, eu coloquei a minha camisola.

Camisola? Parece mais um baby doll. Rosa, é claro.

– Eu abri um merlot.

– Bom, bom.

Eu encho a taça dela até a metade. Pela cara de Ângela, deveria ter enchido mais, mas ainda é cedo.

– Brindaremos o quê?

– Eu não estou com vontade de brindar nada – com um gole, ela esvazia o copo e, sozinha, pega a garrafa e se serve.

– Desculpe, eu gosto de brindes – a bebida desce amarga na minha garganta.

O telefone toca. Se eu deveria saber de algo por agora, é que, quando o telefone toca, não é nada bom. Ângela atende. O “alô” mais melódico do mundo.

A expressão muda.

– Você tem que ser muito corajosa pra me ligar, sabia? ... Eu sei que foi você, vadia!... Augusta quer falar com você.

– Fale.

– Você será o próximo. Minha irmã não merece um irmão como você. Ela não é a santinha que parece.

– Nunca pensei nela assim.

– Olhe pela janela.

A ligação cai. Eu vou até a sacada. Nada demais, à primeira vista. Mas aí eu procuro o meu carro. Não acredito. Riscado. Um grande “FDP” na lateral. Hmm... Não sei se mando pintar ou não.

– Carione...

Eu me viro. É Augusta na porta, com roupas pretas. E uma arma na mão.

– Não era pra você fazer parte disso. Nós não queremos você aqui.

– Eu... ouvi a mesma coisa quando perdi a minha virgindade.

– Você perderá algo hoje também.

Ela aponta a arma para a minha cabeça.

– Augusta, para!

Ela começa a abaixar a arma até mirar no meu pau.

– Ângela vai perder o brinquedo novo.

– Todos nós vamos.

Não consigo dizer, mas acho que nunca tive tanto medo na vida. Nem quando a minha cabeça era o alvo. A de cima.

Ângela pula em cima de Augusta e o tiro acerta a minha perna. Oh, a sensação mista de alívio e dor pra cacete. Vejo as duas se batendo. Em outro momento, seria um filme erótico, mas agora, só me preocupo com a dor infundável.

– Vocês duas... Parem... Eu.

Não consigo evitar. Dói muito...

Acordo. Estou no apartamento de Ângela. No chão.

– Aaaah! – minha perna, dói. Eu levei um tiro. Mas alguém estancou o sangue – Ângela? Ângela! Augusta?

Ninguém em casa. Um bilhete na mesa. “Cai fora. Ou da próxima vez, duas cabeças vão explodir”.

Eu me levanto, com muita dor. Melhor seguir o conselho.

A dama de rosa abre a porta do táxi.

– Para o aeroporto, por favor, moço. E rápido! Se chegar em 15 minutos, pago o dobro, pode ser.

– Pode sim. Posso pegar um atalho?

– Pode, se chegar mais rápido mesmo.

O taxista segue rápido, porém cuidadosamente, e vira numa rua que quase ninguém passa. Sobe um morro até o topo e para o carro.

– O que houve?

Ele sai.

– O que está acontecendo? – diz Ângela, saindo do carro – Você.

Ângela me encara com desconforto. Depois, abre um sorriso, aliviada.

– Na verdade, é bom te ver. Como está a perna?

– Funcionando.

– Isso é bom... O que está acontecendo, Carione?

– Eu estava cansado. Um dia após o outro já não era mais suficiente. Um tédio enorme. Foi aí que eu te conheci. E tudo mudou. Aonde você vai, Ângela?

– O aeroporto, eu não agüento mais a Augusta. Eu quero fugir! Começar tudo de novo!

– Você sabe que isso não vai acontecer. Augusta está indo com você. Ela não está aqui agora, mas logo eu vou pegá-la também.

– Também?

– Essa manhã eu nem fui pra casa. Fui pra direto pra redação. Eu tinha acabado de levar um tiro, me sentia mais seguro lá. No caminho, eu encontrei uma garota. Tão bonita quanto você, com o jaleco do laboratório que você trabalhava. Eu falei, “uma amiga, loira, de rosa, quase uma Barbie, era sua colega”, “Ângela, claro”, “Mas ela não é mais, né?”, “Não, demitiram ela”. “Quem?” “Não sei. Ela estava na pesquisa com o HIV, estavam muito próximos da cura”.

– Isso era verdade.

– AIDS, a mesma pesquisa da garota morta na festa. Que você a encontrou, depois de Augusta tê-la matado.

– Isso!

– Você disse que Augusta a conhecia, e não você.

– Eu disse que ela era amiga da Augusta. E era. Não sou amiga de quem me demite.

– Eu pensei nisso. Por que ela te demitiria? Nada pessoal, com certeza, senão você não teria ido à festa. Foi algo estritamente profissional.

– Negócios são negócios.

– Especialmente negócios de família. Você disse que a sua irmã mais velha foi quem manteve você na faculdade.

– Não fale da Daniella, por favor.

– Vocês eram pobres. Ela era só uma só universitária que cuidava do próprio rabo e tinha que cuidar de você também na cidade grande. Você sabe como universitárias fazem para ter um lucrinho extra, não é? Bem gostoso.

– Você tá chamando a minha irmã de puta?

– Eu não. O Gabriel. Há 30 anos é ele quem cuida da universidade. É pra ele que todo mundo liga. Incluindo eu, hoje. Fui bem direto e

perguntei da sua irmã. Óbvio, que ele disse que não conhecia. Mas a amizade entre a gente é firme. E eu disse, “ela faleceu há pouco tempo. Preciso saber da verdade, pra esconder. Vai que o jornal faz algo a respeito? Nunca se sabe a maluquice que o Luther vai inventar.” E sim, Daniella era uma puta. Que Deus a tenha.

– Por que você me trouxe aqui? Pra me machucar?

– Pra conversar com você. Sem a Augusta por perto, ela já deve estar no aeroporto. Onde eu estava? Ah, depois que o Cazuzu e o Freddie Mercury morreram, vejo pessoas se cuidando mais. Antes, é claro, não era assim. Um grande risco para uma puta. E se a Daniella tivesse pegado AIDS? Por isso você foi pra pesquisa, tentando achar uma cura. Não deu tempo, ela morreu. Ou será que não funcionou? Era a sua única família, presumindo que sua avó já esteja morta. Augusta não conta. Valia tudo para salvá-la. Até usar a própria irmã como cobaia.

– Eu não...

– Sua colega descobriu e te demitiu. É isso e pronto. Ainda bem que o Henrique estava lá pra ter apoiar. Com um namorado rico daqueles, quem precisaria trabalhar? E mais, ele viajava o mundo inteiro procurando produtos pra vender. Às vezes com você junto, outras não. Ele devia se sentir muito sozinho. Como você com a perda da Daniella, o que tornou o Henrique a única pessoa em que você confiaria. Ser traída por ele, em qualquer sentido, seria insuportável. Meu amigo cafetão me contou cada história...

– Eu não matei o Henrique!

– Não, de maneira alguma. A Augusta. E se ela não estiver matando pra te prejudicar?

– Eu não sou cúmplice dela!

– Eu não estou te acusando. Só quero entender melhor a situação.

Coisa de jornalista. A sua aliança, quanto vale?

– Eu não sei.

– Deveria saber você que comprou. Eu vi os recibos. Pedir que alguém case com você e mude, eu não entendo muito, mas não parece dar certo. O noivo negar até faz sentido. Não dá vontade de matar, mas pelo menos de socar ele até deixar marcas do diamante na cara dele.

Ângela permanece intrigada.

– Mas, a coisa boa de trabalhar num jornal, é o arquivo deles. É tão

grande e organizado, eu consegui achar a notícia da morte dos seus pais. Realmente foi horrível. Morte à sangue frio. Corte na garganta, assim como a sua ex-colega. E a polícia nunca achou os culpados. Eles nem tinham evidências para trabalhar. Nada além dos testemunho de meninas pequenas. Mas seus pais não foram as únicas vítimas. Estava lá, escrito. Jornalismo é uma fonte bastante segura de conhecimento. Duas sobreviventes, você e Daniella. Augusta morreu lá. Um assassino muito habilidoso, com certeza, que não levou nada da casa e nem deixou marcas. Parecia até que ele morava lá.

– O que aconteceu naquela noite?

– Você era a irmã ciumenta. Matou a sua própria irmã gêmea. E logo depois, seus pais. Se Daniella tivesse te incomodado, morreria também. Mas ela era boa. Ela inventou uma história e te ajudou a reprimir o seu lado mau todos esses anos. Até que ela não viveu pra completar a tarefa. O seu lado ruim, “Augusta”, viria à tona facilmente. Tudo foi tão bem planejado. As luvas na festa pra esconder as digitais. O uísque drogado, pra me fazer imaginar duas de você. Mas agora, eu sei. E você não vai levar a grana do Henrique. Nem escapar.

– Agora você sabe. – Ângela pega a pistola de dentro da bolsa – Mas não por muito tempo.

– Eu não tenho medo. Você não vai puxar o gatilho – começo a andar em direção a ela – Você não tem a coragem, não comigo.

– Tenho sim! – e ela puxa.

Mas nenhuma bala sai de dentro.

– Você não me mataria porque a Ângela não sabe destravar uma arma, a Augusta sabe. Eu só tinha que enrolar – tiro a arma das mãos dela e a abraço. Ela começa a chorar – até eles chegarem.

– Quê?

– Mãos para o alto! – grita o policial saindo da viatura.

Pela segunda vez, arrancam Ângela dos meus braços. Pela última vez.

– Que festa de despedida sua, não? – fala Luther, saindo de dentro do carro do Jornal. Com ele, um fotógrafo, que começa a fazer o seu trabalho.

– Nem me diga.

– Sabe, eu também namorei uma garota que era psicopata. Mas nunca pensei que era assim, desde pequenos.

- Nunca sabemos.
- Você provou o seu valor. Amanhã, começa a cobrir a câmara.
- Na verdade, acho que sou melhor em polícia.

Luther ri. Isso sim foi inusitado.

FIM

TERRA
RENASCIDA
– Capítulo 1:
Quando Deus
Morre

Cena 01 - Exterior - Estação de Controle/Noite

A Estação de Controle está posicionada entre a Lua e a Terra. Uma nave grande entra pelo Hangar.

Cena 02 - Interior - Hangar da Estação de Controle/Noite

Um grupo de 30 allozianos - raça de aliens pequenos e verdes -, em posição de sentido, observa a nave pousar. De dentro da nave sai TYRANN'OR (30), último dos Zolusianos, com seu cetro, trajando uma capa, uma armadura vermelha que cobre o corpo todo, deixando apenas a cabeça (com seu rosto peludo e longos cabelos penteados para trás) de fora. CADETE ALLOZIANO vem recepcioná-lo.

Cadete Alloziano

Líder Tyrann, bem vindo a Estação de Controle
12.144.

Tyrann'or

Obrigado. Onde está Mãe-Deus?

Cadete Alloziano

Ela está descansando agora. Pela manhã, se reunirá com o senhor e os outros dois líderes.

Tyrann'or

Os meus colegas já chegaram?

Cadete Alloziano

Não, senhor, o senhor foi o primeiro. Poderia levá-lo até o seu quarto, senhor?

Tyrann'or

Obrigado.

Plano sequência do Cadete Alloziano levando Tyrann' Or até a sala de Mãe-Deus. Pelo caminho, é possível ver a grande estrutura do espaço, a tecnologia empregada e os allozianos trabalhando.

Cadete Alloziano

Como pode ver, líder Tyrann, a estação está a pleno vapor. É a estação mais jovem do sistema de Mãe-Deus a chegar nesse estado de excelência.

Tyrann'or

Tenho que lhe admitir, cadete, quando ela primeiro falou em salvar esse planeta azul, eu pensei que não seria possível. Era um planeta condenado com uma espécie dominante jovem e mal guiada. Vocês estão me provando errado.

Cadete Alloziano

Obrigado, senhor.

Tyrann'or

Onde está Mãe-Deus?

Cadete Alloziano

(apontando para uma porta pela qual acabaram de passar)

Bem aqui, senhor. Aqui é a sala dela.

Tyrann'or

Eu bem que senti a presença dela... Cadete, eu ficarei aqui e a cumprimentarei. Não se preocupe, acharei o meu caminho para o quarto.

Cadete Alloziano

Tudo bem, senhor.

Cadete Alloziano volta.

Cena 03 - Interior - Sala de Mãe-Deus/Noite

A porta da sala de Mãe-Deus abre e Tyrann'or entra. A estrutura se assemelha a um quarto, é grande e espaçoso, mas não possui nenhuma cama. Possui uma sacada com a qual é possível ver allozianos trabalhando no setor de monitoração. MÃE-DEUS (65) possui uma forma humanóide, com longos cabelos arco-íris e pele alva, e veste um longo vestido em cauda branco.

Mãe-Deus

Tyrann'or, é muito bom revê-lo, velho amigo.

Tyrann'or (se ajoelha)

Mãe-Deus.

Mãe-Deus

Não há necessidade disso, Tyrann.

Tyrann'or

Você sabe por que eu estou aqui, não?

Tyrann'or tira a capa e arruma os cabelos, ainda com o cetro em mãos. Aos poucos, vão se aproximando.

Mãe-Deus

Eu sei de tudo, Tyrann. Ontem, hoje e amanhã são claros para mim. Eu vivi tudo.

Tyrann'or (olhando Mãe-Deus de cima a baixo)

Você está muito linda hoje.

Mãe-Deus sorri, parecendo encabulada.

Mãe-Deus

Eu estou como sempre sou.

Tyrann'or

Exatamente. (*ficam próximos, com os lábios muito próximos*). Eu senti a sua falta.

Mãe-Deus

Eu também senti a sua falta.

Tyrann'or

Verdade?

Mãe-Deus

Eu nunca minto.

Tyrann'or

Então nós temos que compensar essa ausência.

Tyrann'or começa a abrir o vestido de Mãe-Deus e a deixá-la nua.

Tyrann'or

Não vai resistir?

Mãe-Deus

Livre arbítrio é uma essência da vida. Nunca negaria isso a ninguém.

Tyrann'or enfia o cetro em Mãe-Deus. A feição dele passa de sensual para enraivecida. Mãe Deus continua serena.

Tyrann'or

Todas as almas são imortais. E corruptíveis. Chegou a minha hora de ser rei.

Mãe-Deus

Era o seu destino.

Tyrann'or

Porque eu sou o mais capaz de trazer paz e restaurar a unidade do universo. Seus métodos eram falhos, velha.

Mãe-Deus

Paciência nunca foi a sua virtude.

Tyrann'or

Eu vou levar tudo à perfeição. Agora, Mãe-Deus, reencarne e descubra a dor que todos nós sofremos todos os dias.

Tyrann'or joga o corpo de Mãe-Deus pela sacada.

Cena 04 - Interior - Setor de Monitoração/Noite

O corpo de Mãe-Deus, caindo, se transforma completamente numa energia branca antes de chegar ao chão onde os allozianos estão trabalhando. Essa onda de energia faz a Estação de Controle tremer.

Sequência de créditos iniciais 05 - Interior e Exterior - Espaço Sideral/Dia/Noite

A onda de energia de Mãe-Deus se espelha pelo universo. Vários planetas são atingidos. Várias imagens são apresentadas. Vemos alienígenas das mais diversas formas, cores, texturas... atingidos pela onda. Perto da Nova Terra, uma nave carrega os warrusianos (raça que se assemelha a leões humanóides), onde está ARISTAN. Na Terra, a onda também se espalha. Pessoas de diversas comunidades são atingidas. No meio dela, vê-se, intercalados: LUÍS (53), ELIZABETH (47) e BELAREX (17) jantando juntos (noite); CAVALEIRO DA CHAMA VITAL meditando

e abrindo os olhos pacientemente após a onda passar por ele (dia) ; uma linda floresta onde ALMA e a sua comunidade indígena estão fazendo um ritual (dia); e BESTA colocando a sua armadura (noite).

Fim da sequência de créditos.

Cena 06 - Exterior - Escola/Dia

Belarex, vestida com o uniforme de sua escola (camisa branca e saia bordô), está indo entrando na escola. Passa pelos colegas de escola sem ser percebida. Nota-se que a sua camisa é bem mais larga e a saia mais comprida que a de seus colegas. Ela é baixinha, meio gordinha e possui um cabelo encaracolado, usa óculos e tem espinhas.

Cena 07 - Interior - Sala de Aula/Dia

Belarex é a primeira a chegar na sala. Ela fica sentada, esperando, olhando para o vazio. O sinal toca e, aos poucos, os colegas vão entrando. A PROFESSORA entra por último.

Professora

Bom dia, classe. Liguem as suas mesas e abram a aba de História pré-Renascimento.

Os alunos fazem o processo. Colocam as mãos em cima da carteira, que se liga, como uma tela. Cada um tem uma tela personalizada.

A parede por trás da Professora também se liga. A imagem de Tyrann'or aparece em todas as telas.

Tyrann'or

Desculpem pelo informe em suas redes de comunicação.

Mas a mensagem que eu preciso passar é muito importante. Eu sou o Líder do Setor Gama da Rede

de Mãe-Deus. Meu nome é Tyrann'or. Com muito pesar e sem forma fácil de dizer isso, eu lhes comunico:
Mãe-Deus foi corrompida.

A reação de todos - incluindo Belarex e a professora - na sala é de espanto e tristeza. Vemos também a reação de outras pessoas e aliens pela galáxia.

Tyrann'or

Como sabemos, todos nós, todas as almas integrantes do universo, já fomos um único Espírito com Mãe-Deus. Mas veio a Corrupção e nos separamos. Ficamos mais fracos e perdemos a memória. Apenas Mãe-Deus permaneceu intocável. Todo o Universo foi criado para que, por cada encarnação, passássemos por uma vida que nos ensinaria cada vez mais como era ser o Espírito. Desde então, ela sempre esteve presente, lutando contra a força inevitável da Corrupção e ontem, diante dos meus olhos, ela cedeu.

Professora vira-se para falar aos alunos, enquanto Tyrann'or enxuga algumas lágrimas. Belarex assiste tudo com tremenda curiosidade.

Professora

Turma... Mãe-Deus se foi... É o fim de uma era.

Tyrann'or (sério e firme)

Mas agora não é hora de baixarmos a cabeça. O legado de Mãe-Deus não deve ser abandonado. Eu assumirei a posição de Líder Geral da Rede de Mãe-Deus para garantir que tudo que ela construiu não desabe e que possamos ir além para garantir que mais planetas, galáxias e almas integrem a nossa unidade. Meu primeiro ato será uma nova era para os habitantes do planeta Warrus. Antes do planeta ter entrado em contato com o sol próximo e explodido, Mãe-Deus conseguiu fazer com que todos fossem salvos. A nave deles será levada até o planeta Terra, onde uma das regiões é semelhante à seu planeta natal. É hora de nos unirmos, em nome de tudo que Mãe-Deus construiu. Juntos e sob o meu comando, chegaremos ainda mais

longe.

Os alunos se entreolham, assustados. Belarex parece apreensiva.

Cena 08 - Interior - Estação de Controle/Dia

Tyrann'or acaba o pronunciamento. Vira-se e estão esperando parados Swurlf e Pumeler (líderes dos outros dois setores da Rede de Mãe-Deus, Alfa e Beta).

Swurlf

Tyrann'or.

Tyrann'or

Irmãos, como é bom revê-los.

Pumeler

Bom seria se fosse numa outra situação.

Tyrann'or

Sim, vínhamos todos pensando que seria uma simples reunião com ela... e nunca mais a veremos.

Pumeler

Você chegou a vê-la pela última vez. Sozinho. Antes de todos nós chegarmos. Muita coincidência.

Tyrann'or

Não existem coincidências, Pumeler. Mãe-Deus nos ensinou isso. É tudo parte da jornada que nos levará a formar o Espírito novamente.

Swurlf

É que nós estamos desconfiados. Mãe-Deus é corrompida num dia, uma coisa que nós achávamos impossível e no

dia seguinte você se torna o líder geral. Como isso pode ajudar a nos aproximarmos do Espírito.

Tyrann'or

O que vocês querem dizer?

Swurlf

Você se elegeu o líder geral. Deveria ter esperado para nos consultar.

Tyrann'or

Não pude. Eles precisam de alguém desesperadamente em quem confiar.

Pumeler

Por que você?

Tyrann'or

Porque eu sou o mais indicado. Não é algo que eu quis. O sucesso do setor Gama fala por mim, não fala?

Swurlf

Sim.

Tyrann'or

É hora de nos unirmos, irmãos. Juntos é que somos fortes, como ela queria que fossemos.

Cadete Alloziano entra na sala.

Cadete Alloziano

Líder Tyrann?

Tyrann'or

Continuaremos a conversa depois, irmãos. Com licença.

Tyrann'or segue Cadete Alloziano.

Pumeler

Há algo que ele não quer nos contar.

Swurlf

É verdade. Mas o que ele falou é certo. Temos que apoiá-lo.

Cena 09 - Interior - Corredor da Estação de Controle/Dia

Tyrann'or e Cadete Alloziano conversam.

Tyrann'or:

O que foi?

Cadete Alloziano:

Há uma ligação para o senhor, Líder Tyrann'or.

Tyrann'or:

Quem é?

Cadete Alloziano

Seu mordomo.

Cena 10 - Interior - Sala de hologramas/Noite

Tyrann'or e Cadete Alloziano entram juntos.

Tyrann'or

Deixe-nos.

Cadete Alloziano

Com sua licença.

Começa a transmissão holográfica, que é colorida e com grandes detalhes, quase como se o personagem estivesse ali. DADOO (alien gordo com um corpo escamoso em forma de cobra, braços com textura semelhante a borracha e em de borra e dois olhos semelhantes a lentes) é projetado.

Tyrann'or

Dadoo.

Dadoo (*irônico*)

Líder Geral.

Tyrann'or

Mordomo. Desculpa horrível. E há outras formas de nós nos comunicarmos além de uma ligação formal, sabia?

Dadoo

Eu sei.

Tyrann'or

Suponho que essa urgência seja para me dar boas notícias sobre os testes.

Dadoo

Ao contrário. Nenhum espécime sobreviveu.

Tyrann'or

Novamente?

Dadoo

Sim. Talvez nós devamos refazer a fórmula.

Tyrann'or

Não! Nós não temos tempo.

Dadoo

A pressa está te cegando. Sem Mãe-Deus, tudo o que temos é tempo. Mas também trouxe boas notícias. Os andróides funcionam perfeitamente.

Tyrann'or

Os andróides são o nosso plano B. Nosso exército deve ser mais do que isso. O guerreiro está na alma, não na arma.

Dadoo

Há outra leva de cobaias sendo preparada.

Tyrann'or

Quero outros testes. É a minha ordem.

Dadoo

Sim, Tyrann'or.

A transmissão acaba.

Cena 11 - Interior e Exterior - Casa de Belarex (Sala de Estar; Quarto de Belarex; Banheiro de Belarex; e Entrada da casa), Fachada da Escola e Sala de Aula/ Noite e Dia

Belarex está sentada na sala de estar com Luís, vestindo calça comprida e paletó, com cabelos brancos, e Elizabeth, assistindo à televisão. A tela mostra a APRESENTADORA de preto com a GC: Morte de Mãe-Deus levam milhares ao suicídio. A voz dela permanece por toda a montagem.

INÍCIO DA MONTAGEM:

Belarex assistindo a televisão com seus pais;
Belarex estudando no quarto; Belarex deitada na cama, coberta e com os olhos abertos; Belarex

lavando o rosto; Belarex entrando na escola; Belarex sozinha esperando a aula começar; Belarex na aula em andamento, com alguns colegas rindo dela; Belarex saindo da escola; Belarex jantando com Luís e Elizabeth.

A sequência é repetida mais duas vezes com cortes progressivamente mais rápidos.

FIM DA MONTAGEM

Apresentadora (V.O.)

A Terra conheceu Mãe-Deus há 144 anos, quando um cenário apocalíptico resultado de anos de depredação ao meio ambiente e guerras biológicas quase devastaram o planeta. A população da Terra havia caído 60%. Graças ao seu poder mágico e tecnologia da Rede que ajudou a desenvolver, Mãe-Deus conseguiu curar o planeta de todos os seus males. A natureza voltou a existir plenamente a paz começou a reinar como nunca antes na História. Também pela primeira vez, a Terra falou a mesma língua. Nessa reestruturação, Mãe-Deus implantou o mesmo dialeto usado em todos os outros planetas que compõem a Rede. Não só descobrimos não estarmos sozinhos como entramos em contato com diversas raças diferentes. Agora, com a morte de Mãe-Deus, a expectativa de todos recai no novo Líder Geral da Rede, Tyrann'Or. Se o seu histórico como Líder do Setor Gamma for um sinal, estamos bem liderados.

CENA 12 - Interior - Sala de Jantar de Belarex/Noite

Belarex, Luís e Elizabeth estão jantando, muito quietamente.

Luís

Como foi a escola hoje?

Belarex

Bem.

Belarex e Luís se olham, em silêncio.

Luís

Só isso?

Belarex

Amanhã nós vamos visitar uma usina.

Luís

Qual?

Belarex

A usina de vorteronium.

Luís

Eu tenho um amigo lá, o Fernando Zena. Ele é um dos chefes de triagem. Cumprimente ele.

Belarex

Não, pai, vão rir de mim. Eu não quero me achar.

Luís

Não é se achar. Ele é um amigo pessoal meu e dessa família. E você é melhor que os seus colegas.

Belarex

Não sou. Somos todos iguais. Não é porque nós temos mais dinheiro ou eu tenho notas melhores que...

Luís fecha o punho, bate na mesa e olha sério para Belarex.

Luís

Izabela. Algum dia você ainda vai me agradecer.

Belarex larga os talheres e sai em direção ao

quarto.

CENA 13 - Interior - Ônibus Escolar/Dia

Belarex está sentada sozinha num banco lendo um livro. O ônibus não possui rodas e plana em alta velocidade. O resto de sua turma, composta por 44 colegas, faz barulho, ao fundo, com sua conversa. A professora está no primeiro banco, com fones de ouvido. OSCAR (17) senta ao lado de Belarex.

Oscar

Bom dia, Iza.

Belarex

Oi, Oscar.

Oscar

Animada com a visita?

Belarex

Não. Quer dizer, vai ser legal, vai.

Oscar

Eu tô precisando falar contigo, mas não é massa com o pessoal aqui escutando.

Belarex

Por quê?

Oscar

É um assunto bem pessoal. Lá dentro eu te puxo, a gente se afasta um pouquinho do resto do pessoal, o que você acha?

Belarex (*sorrindo*)

Pode ser.

Oscar

Beleza. Eu vou ali com o meu pessoal, a gente se vê lá dentro.

Oscar vai para o fundo do ônibus e Belarex sorri olhando para fora da janela.

CENA 14 - Exterior - Usina/Dia

A turma entra na Usina, um grande e extenso prédio cromado, com uma arquitetura cheia de curvas. Um grande logo (semelhante a um V) é estampado de forma gigantesca na fachada. Os estudantes são recebidos na porta por Dadoo.

Dadoo

Bem-vindos, estudantes do Colégio Estera. Meu nome é Dadoo Zossete. Sou o responsável por essa usina. Aqui que é gerada energia limpa para todos os distritos próximos. Será uma honra guiá-los pessoalmente. Por favor, me sigam.

Cena 15 - Interior - Usina/Dia

Dadoo guia o grupo de alunos num passeio para conhecer a usina.

Dadoo

A energia que criamos é a mesma utilizada no resto da Rede de Mãe-Deus. A matéria prima é o vorteronium, um elemento presente em planetas mais antigos que a Terra. O processo que criamos não gera poluição. É também renovável, porque o processo de geração de energia a partir do vorteronium gera vorteronium. Em outras palavras, energia limpa.

FERNANDO passa por Dadoo.

Dadoo

Ah, esse é Fernando Zena, ele é o fiscal que garante a pureza do que produzimos.

Fernando

Olá, estudantes. É um prazer tê-los aqui. Há algo que eu possa ajudar?

ALUNA1 levanta a mão.

Aluna1

O vorteronium causa algum mau à saúde humana?

Fernando

Talvez em seu formato comum, bruto, como costuma ser encontrado, sim. Mas Mãe-Deus os limpou, tirou a radiação nociva. Não precisa se preocupar. Todo o vorteronium da Terra Renascida é limpo.

Dadoo (*rindo*)

Vamos deixar o Fernando trabalhar. Vamos a outro setor da Usina.

Grupo de alunos segue Dadoo para outro setor. Belarex fica para trás para cumprimentar Fernando. Pela costas dela, UMA MENINA (17) e OUTRA MENINA (17) cochicham.

Uma Menina

O que ela quer falar com aquele velho?

Outra Menina

De coisas velhas, que nem ela, hahaha.

Uma Menina e Outra Menina vão se unir ao restante do grupo.

Belarex

Fernando? Eu sou Izabela Kane, filha do..

Fernando

Filha do Luís, é claro. Como ele está?

Belarex

Bem. Ele manda lembranças.

Fernando

Um bom homem. Com certeza, você é e será uma grande mulher. Não ouça os comentários bobos daquelas meninas.

Belarex

Obrigado, Fernando.

Fernando

Mande lembranças para o seu pai também. Foi um prazer conhecê-la.

Fernando sai. Belarex se vira e Oscar está ali esperando.

Oscar

No final das contas, foi você que se separou do grupo.

Belarex

Fui sim.

Oscar

Aqui, me dê a sua mão.

Belarex e Oscar dão as mãos. Ele a leva para a antesala.

Cena 16 - Interior - Antesala das Telas/Dia

Vazia, a Antesala é uma comprida sala com paredes

branca e uma mesa cinza.

Oscar

Tem uma coisa que eu sempre quis te dizer. Que eu te acho muito linda. O pessoal te acha estranha porque você é muito dedicada. Eu acho isso atraente. Você é muito mais do que eles pensam. Eu vejo, você tem um jeito meiga, delicada. Dá pra ver que você gosta de sorrir, eu não sei explicar, mas...

Belarex sorri, alegre.

Oscar

Viu só? Você acaba sendo muito fechada, mas na verdade é um enigma que eu gostaria de desvendar. Você me dá uma chance?

Belarex

Dou, Oscar.

Oscar se aproxima para beijá-la, mas ela vira a cara.

Oscar

O que foi?

Belarex

Aqui não é o melhor lugar.

Oscar

Claro que é. É onde eu me declarei pra você.

Belarex

Mas eu não tô com ânimo. Outra hora, num outro lugar.

Oscar

Eu não consigo esperar mais. Não tem ninguém olhando

e só a gente vai saber.

Belarex

O problema não é esse, Oscar.

Oscar

Iza.

Oscar agarra o braço de Belarex.

Oscar

Eu não vou sair daqui sem um beijo.

Belarex

Não quero te beijar.

Oscar

Sabe como te chamam? Belarex. Porque você é velha, como um dinossauro. Me beija, Belarex.

Belarex

Não!

Belarex empurra Oscar e consegue sair da sala.

Cena 17 - Interior - Usina/Dia

Belarex começa a andar rápido para se afastar de Oscar - que também saiu da Antesala e está vindo em sua direção. Belarex avista o resto da turma e se aproxima da Professora e de Dadoo para despistar Oscar, que fica com o fim do grupo.

Professora

Essa é Izabela, a nossa aluna mais esperta.

Dadoo

É um prazer conhecê-la, Izabela. Continue com os bons estudos e um dia com certeza trabalhará conosco na Rede.

Eles continuam o passeio pela usina.

Dadoo

Há apenas um empecilho para o vorteronium se tornar a única forma de energia do planeta e que ele seja limpo, de fato. Que o impeça de ser como era antes do Renascimento. É o Continente Exilado.

Quando alguns dos países que compunham a Velha Terra se negaram a receber a ajuda de Mãe-Deus, também negaram a nossa tecnologia e, portanto, o Vorteronium.

Belarex

Como processo de limpeza da Terra, ela juntou todos esses países num único continente.

Dadoo

Eles não se opuseram a isso, visando mútuo apoio entre os que se opuseram.

Belarex

Tá, mas não pode ser criado com o vorteronium algo que limpe a poluição deles?

Dadoo

Não acha que já há gente pensando nisso?

Belarex

Não sei, às vezes penso que é como o continente abandonado.

Dadoo

Mãe-Deus não conseguiu salvar aquelas terras nem com

o seu poder. Mas um dia nós conseguiremos.

Belarex

Eu sei que vão.

Dadoo

Talvez, como eu disse, você ajude.

Belarex

Seria uma honra.

Professora

Senhor Dadoo, infelizmente nós teremos que ir agora, mas em nome da turma e do colégio, agradeço por ter nos recebido. Foi ótimo, todos aprendemos muito.

Dadoo

Eu que agradeço a visita, estamos sempre aberto a vocês. Só peço licença, pois não poderei acompanhá-los até a saída. Um dos seguranças o fará. Obrigado, novamente.

Dadoo chama um segurança e se afasta do grupo. O segurança e a turma refazem o caminho feito até aqui, em busca da saída. Oscar faz sinal para três colegas. Eles começam a ir pra frente do grupo e a afastar Belarex do restante do grupo. Ela acaba ficando lado a lado com Oscar, no final do grupo.

Oscar

Estamos juntos novamente, não é?

Belarex

Oi, Oscar.

Oscar

Reconhece o caminho que a gente tá passando?

Belarex (*começando a se afastar*)

Eu não acho...

Oscar agarra ela novamente e a leva para a Antesala. AMIGO DE OSCAR fica do lado de fora, de vigia.

Cena 18 - Interior - Antesala das Telas/Dia

Com muita violência, Oscar começa a agarrar Belarex. Ela tenta se soltar, mas não sabe o que fazer. A cara de Oscar é de prazer, a de Belarex, pânico. Batidas na porta são ouvidas. É o amigo avisando que devem sair dali. Oscar, ainda agarrando Belarex, vê um cartão do lado da porta. Ele joga Belarex para o lado, pega o cartão e sai.

Cena 19 - Interior - Usina/Dia

Oscar tranca a porta da sala, com Belarex dentro.

Cena 20 - Interior - Antesala das Telas/Dia

Belarex fica, por alguns instantes, paralisada de medo. Depois, como se tivesse recebido um choque de adrenalina, começa a procurar por outra porta. Ela segue a antesala até o final e encontra a porta para outra sala.

Cena 21 - Interior - Sala das Telas/Dia

Belarex entra na Sala das Telas. É um espaço bem menor que a antesala com uns equipamentos semelhantes a um switcher e cerca de 80 telas de 20 cm na parede. Nas telas, estão imagens ao vivo de homens em coma dentro de algum objeto metálico. Há também na Sala das Telas, uma escada que leva para um subsolo. Belarex se aproxima da escada e vê que,

no subsolo, estão dispostas 80 caixas semelhantes a caixões - porém retangulares e maiores. Ela presume que lá estão os corpos mostrados na tela. Belarex, horrorizada, tenta voltar, mas vê que 4 allozianos estão entrando. Ela tenta se esconder atrás da mesa de switcher, mas um alloziano a acha e outros ajudam-no a agarrar Belarex.

Cena 22 - Interior - Subsolo/Dia

Os allozianos levam Belarex para uma caixa não ocupada - e a prendem ali -, ao lado de outras 4 vazias.

Belarex

Eu não tenho nada a ver com isso, por favor, não me prendam! Socorro! Eu conheço Dadoo e o Fernando... Por favor...

Cena 23 - Interior - Sala de observar o subsolo/Dia

Numa sala ao lado da Sala das Telas, Dadoo entra para acompanhar o experimento. Há uma sacada onde é possível ver o subsolo e uma mesa semelhante a uma switcher. Lá estavam 3 allozianos e ALLOZIANO CIENTISTA.

Dadoo

Estão todos devidamente sedados?

Um Alloziano faz que sim com a cabeça.

Dadoo

Então comecem mais uma rodada de testes.

Um longo chiado toma conta do som do ambiente.

Cena 24 - Interior - Cabine da Belarex/Dia

Dentro da cabine de Belarex, um gás roxo é solto e ela começa a tossir.

Cena 25 - Interior - Ônibus escolar/Dia

Professora está passando por cada fila de bancos para contar os alunos presentes.

Professora

41, 42, 43... Espera. Alguém está faltando. Cadê a Izabela?

Oscar e Amigo de Oscar se entreolham.

Cena 26 - Interior - Cabine da Belarex/Dia

Belarex, dentro da caixa, começa a receber pequenos raios em seu corpo. A caixa começa a tremer e duas agulhas são colocadas em seu cérebro.

Oscar (V.O.)

Sabe como te chamam? Belarex. Porque você é velha, como um dinossauro. Me beija, Belarex.

Luís (V.O.)

Você é melhor que os seus colegas. Algum dia você ainda vai me agradecer.

Cena 27 - Exterior - Entrada Escola/Dia (Flashback)

BELAREX CRIANÇA (9) está conversando com AMIGUINHO DA BELAREX(6), um menino com um uniforme furado e esfarrapado. São vistas as pernas de Luís chegando.

27

Cena 28 - Interior - Sala de Estar da Belarex/Dia
(Flashback)

BELAREX CRIANÇINHA (6) está brincando de casinha com Elizabeth. As duas estão muito felizes.

Cena 29 - Interior - Entrada da Casa da Belarex/Dia
(Flashback)

As portas da casa se abrem e são vistas as pernas de Luís, que está de terno e sapato. Ele dá duas pisadas fortes, cujo som ecoa pela casa inteira.

Luís

Cheguei.

Cena 30 - Interior - Sala de Estar da Belarex/Dia
(Flashback)

Belarex Criançinha para de brincar. O sorriso no rosto de Elizabeth some.

Cena 31 - Exterior - Entrada Escola/Dia (Flashback)

Luís tira Belarex Criança de perto daquele menino e a pega no colo.

Luís

Você é melhor.

Cena 32 - Interior - Cabine da Belarex/Dia

Belarex está convulsionando. O número de choques aumenta e a agulha penetra cada vez mais fundo. Luzes dentro da caixa começam a mudar.

Cena 33 - Interior - Sala de observar o subsolo/Dia

Dadoo, entendiado, abre um holograma a partir de um pequeno aparelho eletrônico e aparece o holograma da Professora.

Professora

Senhor Dadoo, desculpe o incômodo. É que a Izabela não voltou conosco no ônibus. Acho que ela ainda deve estar na Usina. Gostaríamos de um posicionamento antes de chamar os patrulheiros.

Num ímpeto, Dadoo se aproxima da sacada e vê a última das 52 caixas tremendo muito.

Dadoo

Quero as imagens da caixa 52!

Alloziano Cientista aperta botões na mesa e a parede da esquerda se transforma numa tela onde se vê o corpo de Belarex convulsionando com ela de olhos abertos.

Dadoo

Ela não é uma das cobaias, o que está fazendo ali?

Alloziano Cientista

Ela estava tentando escapar e a colocamos de volta.

Dadoo

Ela é aluna do Colégio, vocês não conseguem ver pelo uniforme?

Alloziano Cientista

Devemos cancelar o experimento?

Dadoo

Não. Agora é muito tarde para isso. E para ela.

Cena 34 - Interior - Sala de Aula - Entardecer

Professora está em sua sala. Um homem trajando um uniforme com o logo da usina entra e faz um sinal negativo com a cabeça. Eles conversam, mas o único som que se escuta são os gritos de dor de Belarex. A professora mostra uma feição de choque, que se transforma em triste, e começa a digitar algumas coisas em sua mesa.

Cena 35 - Exterior - Casa de Belarex - Entardecer

PATRULHEIRO (homens fardado de preto) está na porta da casa de Belarex conversando com Elizabeth, em prantos. Luís estaciona o seu carro e vai falar com ele.

Luís

O que houve?

Elizabeth

Izabela desapareceu!

Patrulheiro

Ela se perdeu do resto do grupo na visita de hoje e ainda não foi encontrada. Nem na usina, nem em lugar nenhum.

Luís fica com o rosto fechado, enquanto abraça a chorosa Elizabeth.

Cena 36 - Interior - Sala de observar o subsolo/
Noite

Dadoo e os quatro allozianos parecem exaustos.

Alloziano Cientista

O procedimento está acabando.

Dadoo

Finalmente.

O chiado constante para e Dadoo vai para a Sala das Telas, seguido dos 4 alluzianos.

Cena 37 - Interior - Sala das Telas/Noite

Dadoo e os 4 alluzianos entram. Alluziano Cientista se põe a comandar a switcher dessa sala. Todos ficam quietos por alguns segundos. Cada uma das telas representa uma das cabines. Uma a uma, as telas começam a ficar pretas e a mensagem "não resistiu" aparece. Quando chega na de Belarex, a tela demora mais a mudar. Vê-se que ela ainda está convulsionando. Subitamente, o corpo repousa e a mensagem "não resistiu" aparece na tela.

Alluziano Cientista

Nenhuma das cobaias resistiu ao processo, senhor Dadoo.

Dadoo

Estou vendo.

Alluziano Cientista

Devemos descartar os corpos?

Dadoo

Ainda não.

Cena 38 - Interior - Sala das Hologramas da Usina/
Noite

Dadoo entra nessa sala, que é completamente vazia,
com as paredes rosas quadriculadas.

Dadoo

Beta - Um - Oito - Oito - Nove - D - F - P

É dado início à transmissão. A sala começa a se
transformar no escritório de Tyrann'or, uma grande
sala dourada com enfeites prateados. Tyrann'or está
sentado em uma grande cadeira com uma grande mesa a
sua frente

Tyrann'or

Como foram os testes?

Dadoo

Todos mortos.

Tyrann'or

Droga, Dadoo! Pensei que você seria capaz de
encontrar cobaias perfeitas!

Dadoo

O problema não são as cobaias. O corpo humano não
parece aguentar a mudança do DNA dessa maneira. Mas
os andróides estão funcionando perfeitamente. Os
testes de combate foram excelentes.

Tyrann'or

É hora de eu visitar a Terra. Quero inspecionar os
corpos pessoalmente, Dadoo. Sua incompetência tem me
atrasado demais.

Cena 39 - Interior - Escritório de Tyrann'or/Noite

Tyrann'Or, em sua sala, fica olhando para o próprio cetro. Swurlf e Plummer entram.

Swurlf

Tyrann.

Tyrann'Or

Que bom revê-los.

Plummer

Em que podemos ajudá-lo, novo Líder Geral?

Tyrann'Or

Sem formalidades. Nem da parte de vocês, nem da minha. Eu lembro de quando Mãe-Deus me salvou após a destruição de Zolus. Cada palavras que me foi dita, está clara na minha cabeça. Ela me curou, me deu essa armadura e o cetro. Ela disse que o cetro era a chave para um novo universo. Ela disse o mesmo a vocês?

Plummer

Não com essas palavras.

Swurlf

Mas o espírito era esse. Que a partir daquilo era uma nova vida para nós. Uma vida que dedicaríamos às virtudes.

Tyrann'Or

Sim, eu também pensava isso. Paz, bondade, serenidade. Os mantras que nos guiam. Mas e se não fosse uma metáfora? E se os nossos cetros fossem literalmente uma chave?

Plummer

Uma chave pra quê?

Tyrann'Or

E se ela, sabendo que um dia iria se corromper, tivesse concentrado parte de sua energia ou de seu conhecimento em algum lugar, como um modo de continuar nos guiando mesmo após ter se tornado nada além de mais um corpo?

Swurlf

Uma parte do seu poder... E onde ela guardaria isso, num cofre? Num baú?

Plummer

E existe algum cofre ou baú que confinaria isso?

Tyrann'Or

Temos que começar a pensar que sim.

Swurlf

Vou começar uma investigação. Falarei com meus contatos.

Plummer

Procurar se alguém, em algum momento, a escoltou a um baú ou cofre.

Tyrann'Or

O antigo líder do seu setor, Plummer, pode ajudar.

Plummer

Claro! Vou tentar me comunicar com ele agora.

Swurlf

Eu vou selecionar investigadores. Para procurar por

algum tipo de cofre que ela tenha registrado nos arquivos.

Tyrann'Or

Obrigado, irmãos. Ou melhor, toda a Rede agradece.

Swurlf e Plummer saem juntos, se entreolhando. Tyrann'Or continua olhando para o cetro, com um sorriso no canto da boca.

Cena 40 - Interior - Mesa de Jantar de Belarex/Noite

Luís e Elizabeth estão sentados à mesa, em silêncio. Os pratos estão com comida e intocados.

Cena 41 - Interior - Sala de Estar de Belarex/Noite

Luís e Elizabeth estão sentados. Ele com o rosto fechado, ela com a cara inchada depois de muito chorar. A luz da sala não está acesa, o que os ilumina é a luz da televisão.

Repórter (OFF)

Izabela Kane, estudante do Colégio Esteira está desaparecida desde a manhã de hoje...

Luís (*determinado*)

Eu vou encontrá-la, Elizabeth. Não pouparei esforços.

Cena 42 - Interior - Subsolo da Usina/Noite

Todas as caixas estão com luzes negras ao seu redor. A câmera se move até chegar na cabine identificada com o número 52.

Luís (V.O.)

Nós teremos a nossa filha de novo.

A luz da cabine 52 muda para branca por alguns segundos e passa a oscilar.

Cena Pós-Créditos Finais - Exterior - Centro da Capital do Continente Exilado/Entardecer

Num local deserto a esse horário, um portal se abre. JACK RONAN (50), homem loiro, estatura média, barbudo com os braços inteiramente tatuados com símbolos, sai de dentro do portal, portando arco e flecha. Ele ativa um dispositivo preso no seu braço e cinco pequenos hologramas começam a ser projetados. São os hologramas de Alma, Guerreiro da Chama Vital, Aristan, Besta e, por fim, o de Belarex. Nesse holograma, ela está quase irreconhecível, já que está alta (o que seria em torno de 1,88 m em altura real), musculosa, com cabelos longos, lisos e mais escuros, sem espinhas e óculos, usando um collant vermelho com pequenos pontos brancos que se assemelham a estrela no céu.

Agradecimentos:

Professor Márcio Markendorf, sem sua ajuda e revisão, este livro teria ficado ainda mais caótico e sem sentido.

Gabriel Daros Lourenço, obrigado pelos conselhos em texto e em diagramação.

Meus colegas de turma, foi um prazer conhecer quem eu não conhecia e conhecer um pouco mais os que eu já conhecia.

Entregador de Pizza, pois sem você, estaria morto de fome à 1h da manhã.

Computador do trabalho, sempre útil para fazer alterações nas sextas de manhã.

Deus das Ideias, pois 99% são as inspirações e o trabalho duro. Mas o 1% é seu.



CABEÇA, Minha.



Luiz Gabriel Braun, ou Braun, para os íntimos, é um jornalista, roteirista, escritor, produtor, diretor e ator reconhecido em todo território nacional pelos filmes “Sessão Solene da Morte” e “Encerramento 3”.

Possui, desde os 15 anos, um dos blogs mais acessados do Ocidente, o Blog do Braun.

Em 2011 foi o presidente mais votado na história da Academia de Montagem de Alverne.

Sua próxima obra é “Impeachment de Júlio César”, uma adaptação do clássico de William Shakespeare, prevista pra 2016.

“A Terra passou a ser um cenário apocalíptico, com humanos vagando de um lado para o outro se alimentando do que encontravam.”

“E eu não escolhi a de serial cleaner! Eu falei, da última vez, que, a partir de agora, era problema seu limpar a própria bagunça de cada assassinato.”

“É um bairro caro da cidade. Daqueles que a polícia nem passa perto. Afinal, é bom ter a mão molhada por empresas de vigilância que só lucram com uma elite assustada. Isso e o fato de que punir é bem mais divertido do que prevenir.”

“Vai demorar muito? Eu quero ver Power Rangers!”

L. G. Braun é Mente Madruga.

O melhor livro de todos os tempos!
- *The New York Times*

Beatles dos livros.
- *Paul McCartney*

Quero ser a protagonista do A Dama de Rosa.
- *Scarlett Johansson*